DISCOVERY PUBLICAÇÕES

ANGELA NEGRINI JACOBINO

DESVENDANDO DA VINCI

O GÊNIO QUE INFLUENCIOU A HUMANIDADE

INVENTOR, PINTOR, MATEMÁTICO OU FÍSICO?
QUAL O SEGREDO DA MENTE DE LEONARDO

Angela Negrini Jacobino

Desvendando Da Vinci

DISCOVERY PUBLICAÇÕES

Banca do Antfer
Telegram: https://t.me/bancadoantfer
Issuhub: https://issuhub.com/user/book/1712

DA VINCI

DISCOVERY PUBLICAÇÕES

Rua Padre Agostinho Poncet, 135 – Mandaqui
CEP: 02408–040 – São Paulo – SP
www.discoverypublicacoes.com.br

Diretores
Fábio Kataoka
Nilson Festa

Administração Geral
Andreza de Oliveira Pereira
andreza@discoverypublicacoes.com.br

Produção Editorial
Robson Oliveira

Coodernação Editorial
Carlos Kataoka

Direção de Arte
Marcelo Almeida

Consultor
Alexandre Callari

Atendimento ao Cliente
atendimento@discoverypublicacoes.com.br
(11) 2977–5878

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial deste trabalho, seja por meio eletrônico ou impresso, inclusive fotocópias sem prévia autorização e consentimento da editora.

Índice

06 Introdução

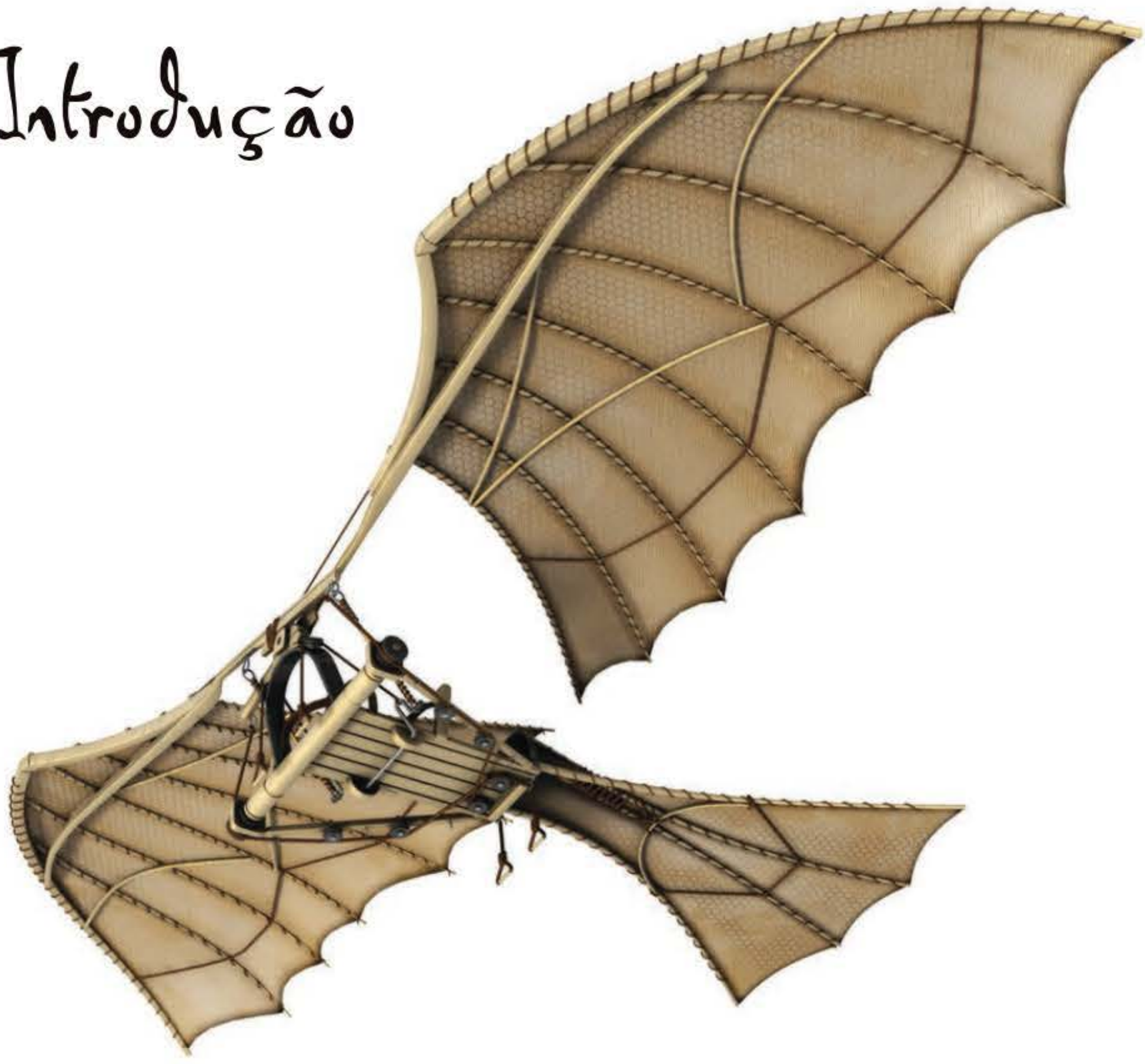
08 Capítulo 1
BIOGRAFIA

40 Capítulo 2
O RENASCIMENTO

60 Capítulo 3
POLÊMICAS

78 Capítulo 4
AS OBRAS

Introdução



Pintor, escultor, engenheiro, anatomista, inventor, entre tantas outras ocupações. Não raro, este foi um homem que obteve um alto grau de excelência nas suas empreitadas, cujo escopo só pode ser igualado pela sua alta volatilidade.

Misterioso, polêmico, contestador... o que talvez possa ser dito sem medo de errar sobre Leonardo da Vinci é que ele foi um dos maiores homens do seu tempo, um visionário, um artista sensível e completo e, em última instância, um grande gênio da história da humanidade. Mas, como todos os bons gênios, ele também era excêntrico e gostava de fazer as coisas da sua própria maneira.

Pouco se sabe sobre a vida particular do artista, sobre o homem, sobre quem ele foi, o que gostava, quais eram seus interesses pessoais, sonhos, desejos, fixações e anseios. Os registros são escassos e confusos, muitas vezes conflitantes... Um aglomerado de notas superficiais e imprecisas; o tempo se encarregou de torná-los pouco confiáveis e uma mítica que começou a ser construída ainda em vida pelo próprio artista, uma tendência ao exagero, à grandiloquência, à magnificência, hoje confunde ainda mais as fronteiras entre o fato e a ficção, tornando nebuloso determinar qual a veracidade das histórias.

Mas, se a vida particular do homem é uma incógnita, limitada em grande parte por registros frios de períodos os quais ele passou em determinados locais de produção e as associações que fez com esta ou aquela personalidade, ao menos ainda restam as obras. Algumas delas, claro, pois uma imensa variedade se perdeu ao longo dos anos, vítima da ação do tempo, de desastres naturais, de guerras, da imbecilidade dos homens e de outros tipos de erosão.

De personalidade forte, Leonardo escarnecia o mundo e a sociedade e, tal era seu talento, que as pessoas pagavam por isso, sem perceberem que muitas vezes, estavam sendo vítimas do sarcasmo do artista. Não se sabe se ele era, de fato, temente a Deus e a Igreja Católica; ainda assim, é um dos artistas mais sacros do seu período. De preferências sexuais polêmicas, de ideias e conceitos tão atrevidos quanto insanos, dono de um traço tão arrojado que, de acordo com a lenda, fez corar o próprio professor, a verdade é que nunca escreveu-se tanto sobre um artista de quem se sabe tão pouco.

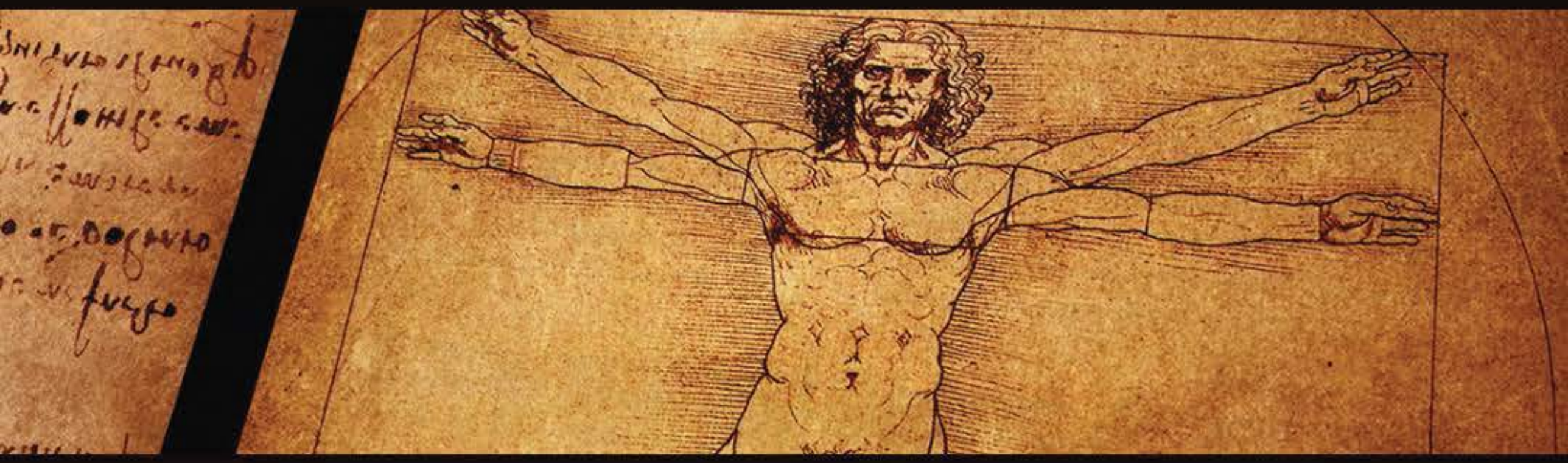
Em tempos recentes, o *best-seller O Código da Vinci*, da autoria de Dan Brown, que tornou-se um filme homônimo de sucesso estrelado por Tom Hanks e dirigido por Ron Howard, levantou muitas questões sobre o homem, sobre as possíveis mensagens que existem escondidas nas suas

obras, sobre o pertencimento a sociedades secretas e outras deleitosas propostas que atiçam a imaginação. De fato, quase tudo não passa de delírios grandiloquentes de um eficiente escritor, disposto a atrair polêmica para sua obra – o que não tira os méritos do *Código...* ele é funcional como um bom trabalho de ficção e aventura, temperado aqui e acolá com elementos históricos. Entretanto, desprezado o verniz de polêmica e sensacionalismo que a cerca, esta obra contemporânea nada faz para ajudar a elucidar quem foi, de fato, o artista.

Leonardo é um mistério e, provavelmente, para sempre o será. Este homem carente de uma educação formal muito sonhou, mas, em comparação, pouco realizou. Ele criou engenhocas voadoras que nunca saíram do papel; ambiciosos projetos arquitetônicos e de engenharia que deram errado ou jamais foram executados; concebeu dezenas de pinturas e esculturas que largou pela metade; serviu a realeza mas sem nunca ser capaz de acumular a sua própria fortuna; e, ainda assim, é adorado e reverenciado.

Qualquer desavisado que escutasse sua história sem que lhe fosse dito de quem se tratava, talvez se apressasse em dizer que a pessoa em questão deveria ser um picareta de marca maior. No fundo, se não soubéssemos de quem se trata, será que pensaríamos diferente? É provável que não. Mas, basta mencionar o nome "Leonardo da Vinci", para que todas as dúvidas se dissipem e um brilho chegue ao olhar. Não importa quantos projetos ficaram inacabados, quantas propostas deram errado; aparentemente, no caso dele, a verdade sempre será outra.

Talvez suas invenções de voo, e seus projetos arquitetônicos, urbanos e de engenharia, entre tantos outros, tenham falhado simplesmen-



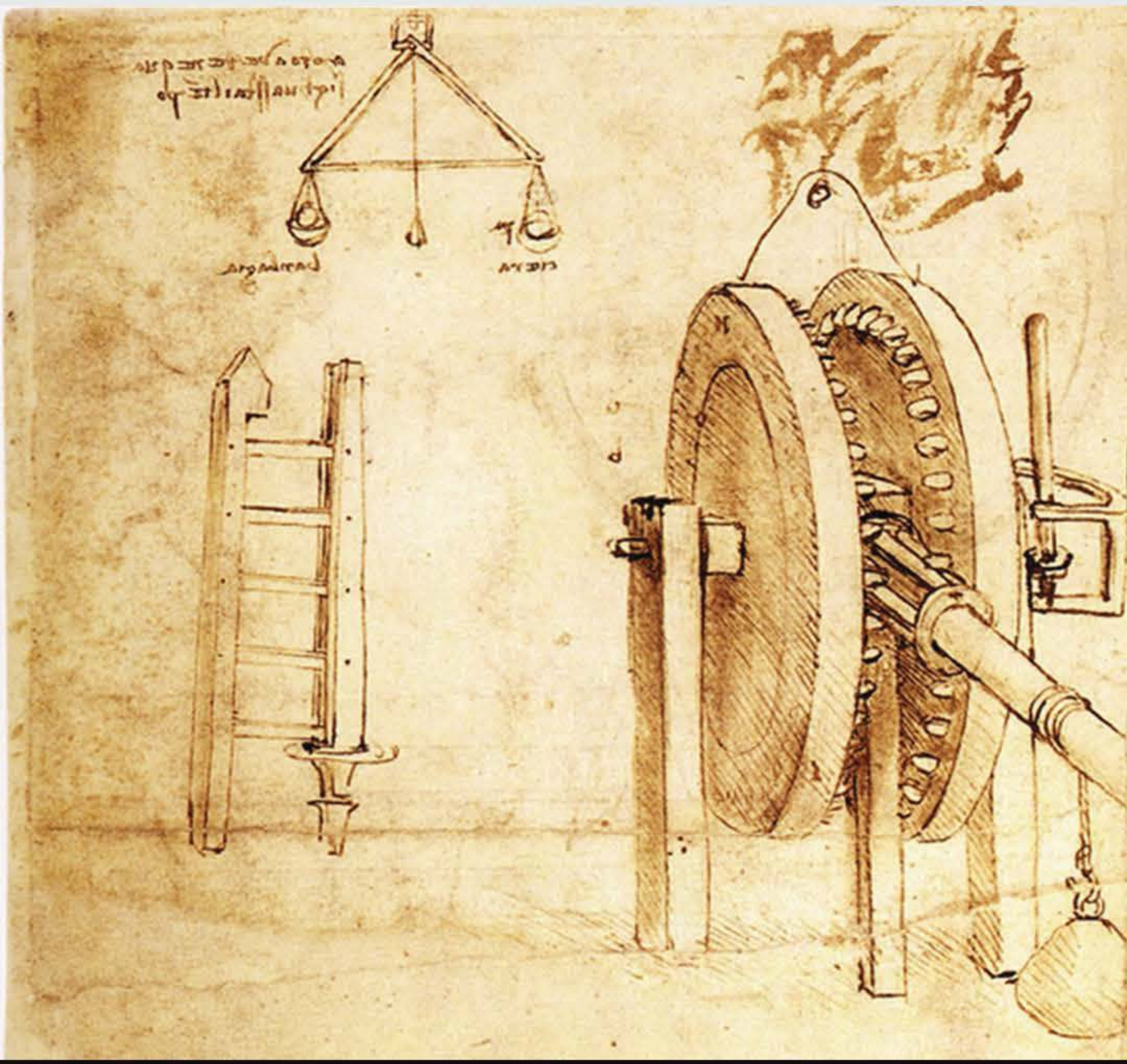
te porque foram vislumbrados por uma mente demasiado visionária, que vivia numa época cuja tecnologia estava aquém da implantação e execução dos mesmos. É possível que o abandono das diversas obras artísticas fosse tão somente o resultado de um desejo de ir além, de se superar, de produzir mais, ou apenas um profundo desconforto pela rotina, enfado e estagnação decorrentes de trabalhos de longa duração. Quem pode dizer de fato? Podemos buscar desculpas para o comportamento dele ou condená-lo, mas a verdade, a soberba verdade, é que toda e qualquer discussão cessa quando contemplamos uma de suas telas. O arrebatamento nos leva além das palavras, possivelmente além do raciocínio lógico, e faz com que, mais uma vez, a palavra "gênio" ecoe na mente. Fim de discussão.

O fato é que, mais de quinhentos anos depois, mesmo em face de inúmeras dificuldades, o trabalho dele chegou até nós. E é um trabalho influente, celebrado, estudado, laureado e amplamente reverenciado; um trabalho que séculos depois é lembrado, mesmo quando o conjunto da obra de tantos outros não é. Isso seguramente quer dizer algo.

Apesar de contemporâneo de outros mestres como Michelangelo, Leonardo é um marco na história da arte, tendo disparado o gatilho que deu início e definiu por excelência o próprio estilo renascentista. Ele é o autor da pintura mais famosa do mundo; um homem cujas contribuições nas mais diversas áreas da arte ecoam até hoje.

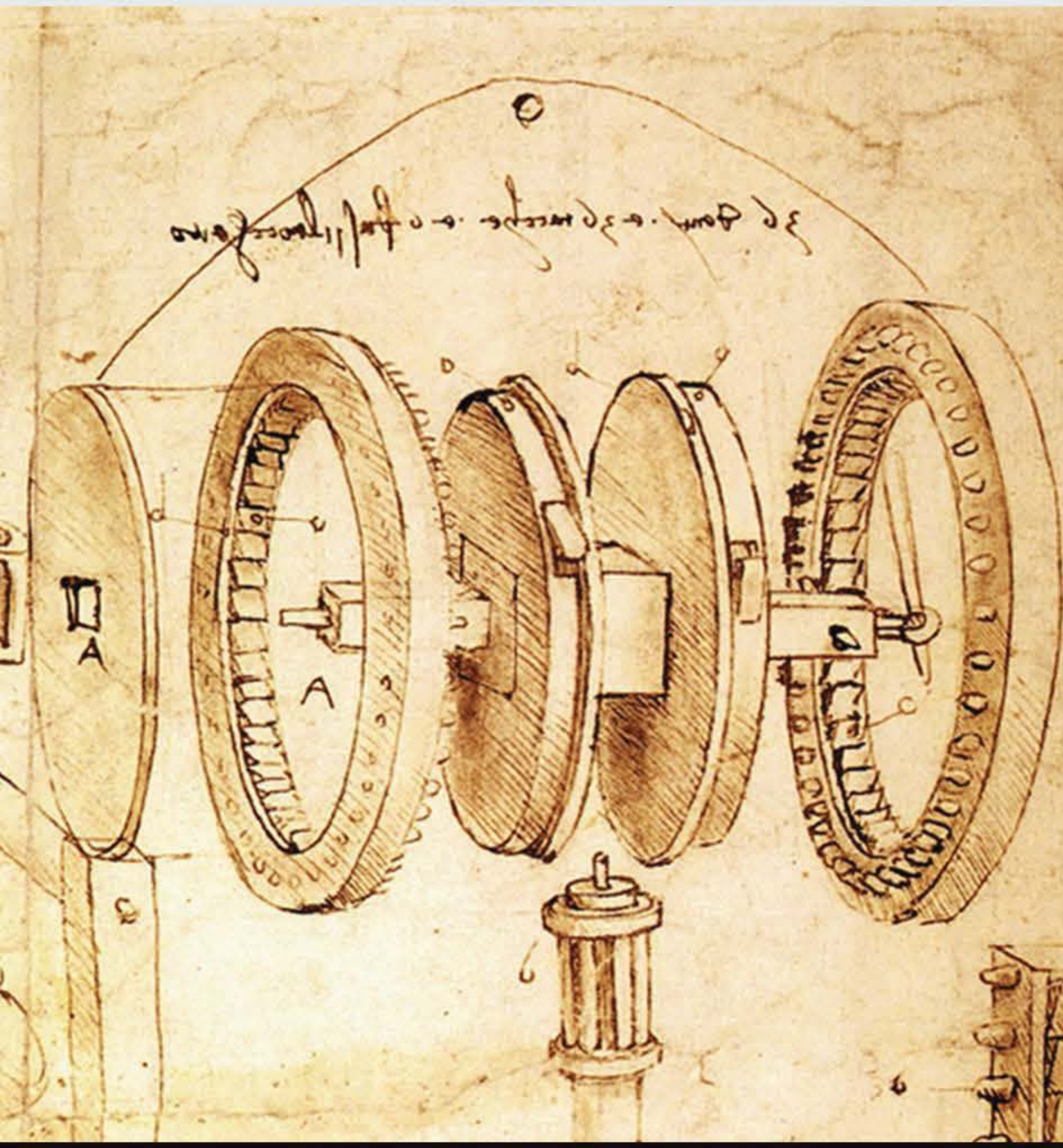
Neste volume, examinamos a história desse gênio, suas obras e a importância delas, assim como algumas polêmicas que cercam o seu nome.

Boa leitura.



Capítulo 1

Biografia



Aprender é a única coisa de que a
mente nunca se cansa, nunca tem medo e
nunca se arrepende.

Leonardo da Vinci

Capítulo 1

Leonardo di Ser Piero da Vinci, conhecido mundialmente como Leonardo da Vinci, um dos mais completos artistas do Período Renascentista, nasceu no dia 15 de abril de 1452, em Anchiano, um vilarejo localizado em Vinci, uma região de Florença, na Itália.

Leonardo di Ser Piero da Vinci, conhecido mundialmente como Leonardo da Vinci, um dos mais completos artistas do Período Renascentista, nasceu no dia 15 de abril de 1452, em Anchiano, um vilarejo localizado em Vinci, uma região de Florença, na Itália.

Considerado um dos grandes gênios da história da humanidade, Leonardo da Vinci atuou em áreas tão diversas quanto complexas e atingiu tremendo grau de excelência em grande parte delas. Por exemplo, entre outras funções, Leonardo atuou como anatomista, botânico e músico, mas é lembrado e celebrado principalmente pelos seus trabalhos como pintor, filósofo, inventor e escultor.

Leonardo foi um verdadeiro polímata (pessoa que estuda vários assuntos e que domina vários tipos de conhecimentos) no sentido mais amplo da palavra. Sua curiosidade e interesses se estendiam a todos os campos que estivessem ao seu alcance.

Nascido como filho ilegítimo de um tabelião, Piero da Vinci, e de uma camponesa de nome Caterina, a infância do jovem transcorreu na esfera rural, o que explica seu apego à natureza. Pouco se sabe sobre os primeiros anos de Leonardo da Vinci, mas um dado curioso, citado por vários de seus biógrafos, é que ele era um aficionado por cavalos, os quais, no futuro, se tornariam alvos de suas pesquisas.

O início

Leonardo da Vinci nasceu no seio de uma família cujas posses equivaliam à riqueza das famílias de classe média alta. Leonardo revelou desde cedo uma aptidão genial para o desenho. Seus trabalhos prematuros resumiam-se, de fato, a desenhos, esboços a carvão, tinta nanquim ou aguada e, ao atingir a adolescência, em 1469, então com dezessete anos, o artista foi enviado para Florença, onde deu início a sua trajetória na esfera das artes.

Leonardo não pôde frequentar escola e receber instrução formal por ser filho ilegítimo, portanto, seu pai pagou para que ele fosse aprendiz na "Botega" de Andrea di Francesco de Cione, conhecido como Andrea del Verrocchio, renomado pintor florentino, e um dos mais bem-sucedidos artistas de seu tempo. Lá, Leonardo obteve as primeiras noções de pintura.

Conta-se que certa vez, o mestre estava pintando um quando sobre o batismo de Jesus Cristo e disse a Leonardo para fazer um anjo. Leonardo fez o anjo tão perfeito que Verrocchio desistiu de pintar. [1]

O conceituado escritor e cirurgião norte-americano Sherwin Nuland, professor de medicina da Universidade de Yale, estudou a vida de Leonardo durante vinte anos, na tentativa de compreender como este homem que não recebeu educação formal conseguiu tornar-se um dos maiores gênios da humanidade e também uma das pessoas mais famosas a já terem vivido. A veia poética do artista e sua propensão ao drama ficam claras em diversas passagens de notas deixadas por ele próprio, e reproduzidas na obra de Nuland, como:

1 www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/davinci/biografia.htm

Parece-me que sempre fui destinado a me interessar muito profundamente por falcões, pois me lembro de como uma de minhas primeiras recordações que, quando estava no berço, um falcão desceu sobre mim e abriu minha boca com a cauda, e me bateu muitas vezes entre os lábios com ela. [2]

Consta que a beleza física de Leonardo abriu-lhe muitas portas; loiro, de olhos azuis e nariz aquilino, reza a lenda que ele próprio foi o modelo para o Davi, de Verocchio, uma bela estátua de bronze. Mas, sem jamais depender da sua aparência, a verdade é que a inteligência do pintor, seu arrojo e o espírito brilhante eram os atributos que realmente impressionavam os que o conheciam.

Desde cedo, Leonardo foi exposto a uma extensa gama de técnicas e ciências, e aparentemente teve a oportunidade de aprender desenho técnico, química, metalurgia, mecânica, carpintaria, a trabalhar com vários materiais como couro e metal e a fazer moldes, além de ser instruído nas técnicas artísticas de desenho, pintura, escultura e modelagem. Aos vinte anos de idade, em 1472, o versátil jovem já tinha até mesmo dado início às investigações anatômicas que um dia o tornariam famoso [3], e desenvolvera-se artisticamente ao ponto de estar preparado para assumir o cargo de mestre na Guilda de São Lucas, uma associação de artistas – incluindo pintores e escultores – e doutores em medicina.

Tratou-se de um passo importante na carreira do artista que, a partir de então, entrou para o circuito de pintores de Florença. Apesar dis-

2 Nuland, Sherwin. *Leonardo da Vinci* - Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001

so, fiel às suas origens, Leonardo não rompeu o laço estabelecido com Verrocchio, e continuou a colaborar com ele nos anos que se seguiram, mesmo quando seu pai o ajudou a montar o próprio ateliê.

Foi uma decisão acertada. Verrocchio tinha excelentes relações com a corte de Lourenço de Médici, grande soberano da República Florentina, cujo governo valeu-lhe o apelido de Lourenço, o Magnífico. Por intermédio de seu mestre, Leonardo teve oportunidade de apresentar seu trabalho à corte, o qual, tendo sido apreciado, conseguiu para ele muitas encomendas. É deste período que data a primeira obra conhecida de Leonardo, uma gravura do rio Arno feita com pena e tinta, sem nome, e cuja data a identifica como sendo de 5 de agosto de 1473.

O artista

De acordo com Giorgio Vasari (1550), um pintor e arquiteto italiano conhecido principalmente por suas biografias de artistas italianos, Leonardo colaborou com Verrocchio na famosa tela *O Batismo de Cristo* [4], pintando o jovem anjo da esquerda, que segura a túnica de Jesus, de maneira tão superior ao seu próprio mestre. Vasari afirmou que, mesmo sendo Leonardo ainda jovem, já nessa época ele tornou-se desgostoso com a arte de pintar por sentir-se ultrapassado ao atestar o estilo vigoroso de seu maior pupilo.

Em 1478, os monges agostinianos de San Donato a Scopeto, em Florença, comissionaram ao jovem artista um painel em madeira que viria a ser conhecido como a *Adoração dos Magos* (em italiano *Adorazione dei Magi*). Produzida entre 1481 e 1482 em óleo sobre madeira, levando apenas aguadas de tinta, e medindo 246 por 243 centímetros, a obra viria a ser a primeira grande pintura de Leonardo da Vinci. A imagem mostra a Virgem Maria e o Menino Jesus no centro da tela, em primeiro plano, formando um triângulo (ou pirâmide) com os Reis Magos que estão ajoelhados em sinal de adoração. Este padrão geométrico que os personagens principais formam e que aqui foi usado pela primeira vez é um padrão de composição que viria a adquirir notável importância e significado para os pintores da Renascença.

Infelizmente, a *Adoração dos Magos* ficou inacabada supostamente por conta da partida de Leonardo para Milão, onde permaneceria pelos dezoito anos seguintes. Ainda assim, tornou-se o seu primeiro grande

3 Neste período Leonardo elaborou seus primeiros esboços e desenhos do corpo humano.
4 *O Batismo de Cristo* foi pintado entre os anos de 1472 e 1475 e também contou com a colaboração do pintor Sandro Botticelli. Atualmente a tela se encontra exposta na Galleria degli Uffizi, em Florença.

Gravura do rio Arno (1473). tida como o primeiro trabalho conhecido de Leonardo

trabalho. Até 1490, o artista produziu uma série de quadros pequenos, porém notáveis, como *A Virgem do Cravo*, a *Virgem Benois* (também conhecido como *Madona Benois*) e, possivelmente, a *Anunciação*.

A Virgem do Cravo produzida entre 1478 e 1480, foi feita a óleo e mede apenas 62 por 47,5 cm. Uma pequena polêmica gira em torno desta obra que teria sido, supostamente, baseada em um trabalho anterior, *A Virgem de Granada*. Produzida provavelmente entre 1475 e 1480, *A Virgem de Granada* é um quadro que divide os especialistas quanto à sua autoria. Embora tenha sido anteriormente atribuída ao mestre de Leonardo, Verrocchio, ou a Lorenzo di Credi, atualmente a obra é tida como um dos primeiros trabalhos do jovem Leonardo, muito embora o traço dela seja bem distinto do estilo que posteriormente marcaria as obras de Leonardo. Ao mesmo tempo, a resistência de admitir que ...*Granada* seja um trabalho da autoria dele reside no fato de ser uma obra que apresenta diversos problemas, como erros anatômicos e de composição.

Polêmicas à parte, *A Virgem do Cravo* é um trabalho infinitamente mais maduro e mostra o domínio que Leonardo tinha da anatomia humana. Longe de ser uma obra incipiente, Leonardo demonstra seu

talento sem igual na composição dos elementos principais, que praticamente obrigam o olhar do espectador a voltar-se para o centro onde estão as figuras da Madona e do Menino, muito embora uma belíssima paisagem seja delineada de fundo, através das janelas. Leonardo, fazendo uso da técnica de jogo de luz e sombras, consegue estimular a imaginação do observador e criar a ilusão de um senso de profundidade, como se a pintura estivesse em três dimensões, e não em duas.

A Virgem do Cravo

"No decurso normal dos tempos nascem muitos homens e mulheres possuidores de talentos e características notáveis; mas ocasionalmente, de uma forma especial que transcende o natural, uma única pessoa é maravilhosamente dotada pelos céus com beleza, graça e talento em tanta abundância que deixa os outros homens muito para trás... todos reconhecem que esta é a verdade acerca de Leonardo da Vinci, um artista de beleza física invulgar que se comporta com infinita elegância em tudo o que faz e que cultiva o seu gênio tão brilhantemente que todos os problemas que estudou foram resolvidos com simplicidade. Possuía grande força e destreza; foi um homem de esplêndido espírito e com uma tremenda inteligência..."[5].

Leonardo foi considerado um homem à frente de sua época. Freud, em 1910, o considerou um

5 Giorgio Vasari, A Vida dos mais Excelentes Pintores, Escultores e Arquitetos (Le Vite de' più Eccellenti Pittori, Scultori e Architettori), retirado do endereço eletrônico pt.wikipedia.org/wiki/Vida_pessoal_de_Leonardo_da_Vinci

gênio além da sua época "gênio poliforme"
por sua versatilidade que o levou a ser artista,
escritor e um cientista brilhante. [6]

Lacan, em 1964, comenta que em Leonardo, a arte se mistura à ciência e, a partir dele, o quadro passou a ser organizado de uma maneira totalmente nova na história da arte. [7]

Freud, estudando Leonardo, inquietou-se com o fato de ele ter deixado inacabados quase todos os seus trabalhos de pintura, porque buscava neles uma perfeição que o próprio artista achava que nunca conseguiria encontrar. Isso o levava a abandoná-los e a não se preocupar com o destino dos mesmos. Para pintar um quadro ele fazia vários desenhos, pesquisas e estudos preliminares à exaustão, contudo era demasiadamente lento na execução em si. Essa lentidão de Leonardo é atribuída por Freud a uma intensa coerção interna para conseguir executar suas obras de uma forma ideal.

Vida em Milão

Durante o período em que viveu em Milão, entre 1482 e 1499, Leonardo recebeu a encomenda de pintar *A Virgem dos Rochedos*, uma obra na qual trabalhou entre 1483 e 1486, juntamente com Ambrogio e Evangelista de Predis. Foi o primeiro contrato feito para uma confraria religiosa chamada Irmandade Conceição de San Francesco, datado de 25 de abril de 1483, e sua confecção resultou, se não num mistério, ao menos em uma das histórias mais interessantes da carreira do pintor, pois, de fato, existem duas versões de

6 Leonardo da Vinci: vida e pensamentos, Editora Martin Claret, São Paulo, 2000, pg 47.
7 LACAN, J. O seminário livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1985.

"O Batismo de Cristo - suposta parceria entre Verrocchio e Leonardo"

A Virgem dos Rochedos.

O contrato original de Leonardo determinava que a obra deveria ser executada em parceria com os irmãos Predis; Leonardo se encarregaria da produção do painel central, enquanto que os demais pintariam as seções laterais. A encomenda original previa que Leonardo pintasse a Virgem Maria, Jesus Cristo e seus profetas respeitando rigidamente o programa pictórico convencional da Igreja Católica, contudo, já na primeira versão que apresentou do painel, Leonardo mostrou Maria, o Menino Jesus, São João Batista quando criança e o anjo Uriel, numa paisagem árida e pedregosa. Como se não bastasse, a versão de Leonardo mostrava o menino que está ao lado do anjo (supostamente João, já que as duas crianças são praticamente idênticas), abençoando o outro, que se ajoelha em sinal de subserviência. Os monges não gostaram das liberdades artísticas tomadas pelo artista e nem do seu atraso para o término da obra, que havia sido marcado para 8 de dezembro de 1483, dia da Imaculada Conceição. Os irmãos Predis cumpriram sua parte no contrato e entregaram as seções laterais. Leonardo simplesmente furou o prazo, o que motivou uma disputa judicial que se arrastou por nada mais, nada menos que 23 anos!

Não se sabe ao certo o que motivou Leonardo a trabalhar numa segunda versão da obra. Há quem afirme que foi uma exigência do Duque de Milão, Ludovico Sforza, membro da proeminente família milanesa Sforza, que apadrinhou durante quase uma década não só Leonardo, como outros grandes artistas do período. Outros especialistas defendem que o pintor decidiu criar a segunda versão da obra por conta de alguma motivação pessoal oculta. Seja como for, *A Virgem dos Rochedos* existe em duas versões, uma exposta no Louvre (provavelmente a primeira) e outra na National Gallery (provavelmente a segunda, pintada em Milão).

Há várias diferenças fundamentais entre as duas telas, a começar pelo tamanho. O exemplar exposto no Louvre é 8 cm maior do que o da National Gallery, que apresenta uma tonalidade mais intensa de azul, sendo que as águas também transmitem uma impressão maior de movimento. Além disso, a segunda versão traz um halo sobre a cabeça de Maria, e João Batista segura uma cruz nas mãos. As rochas desta versão são menos estilizadas e mais reais e o anjo não aponta para S. João, como na versão do Louvre – o que minimiza o gesto enigmático feito por Uriel na obra original. Sobre a escolha incomum do cenário cavernoso para abrilhantar a cena, Leonardo registrou nos seus *Cadernos*:

> Levado por um desejo ardente de ver a variedade das formas que a artificiosa natureza cria, depois de vagar por certa distância entre as rochas projetadas acima, cheguei à entrada de uma imensa caverna, diante da qual me quedei por algum tempo estupefato, pois ignorava a sua existência (...) e depois de ficar ali por determinado tempo, de repente, duas emoções despertaram dentro de mim — o medo e o desejo — medo da caverna que era escura e ameaçadora, desejo de verificar se haveria alguma maravilha oculta lá dentro. [8]

A Virgem dos Rochedos também é um triunfo técnico, já que é o primeiro grande resultado artístico que Leonardo conseguiu obter com a chiaroscuro, uma técnica desenvolvida por ele próprio que consiste no uso de contrastes entre luz e sombra.

O chiaroscuro define os objetos representados sem usar linhas de contorno, mas apenas pelo contraste entre as cores do objeto e do fundo; faz parte de uma idealização que inclui a experiência da pintura contrariando, de certo modo, a linearidade que caracteriza a pintura do Renascimento [9]. Antes de Leonardo, a definição de luz nas pinturas era forte e sua fonte não era definida, de forma que as sombras eram determinadas pela cor dos pigmentos, não por gradações de cor que iam do claro para o escuro. Ao observar essa deficiência, Leonardo resolveu a questão desenvolvendo a técnica, cujo impacto foi sentido quase que instantaneamente. É seguro dizer que, sem os avanços de Leonardo da Vinci, não haveria

8 *Liana Bortolon. The Life and Times of Leonardo. Londres: Paul Hamlyn, 1967.*

mestres como Caravaggio ou até mesmo Rembrandt.

Épocas convolutas

As mãos e os braços, em todas as suas ações, devem exibir a intenção da mente que os move, até quando for possível, porque, por meio deles, quem tiver um bom julgamento mostrará intenções mentais em todos os seus movimentos.

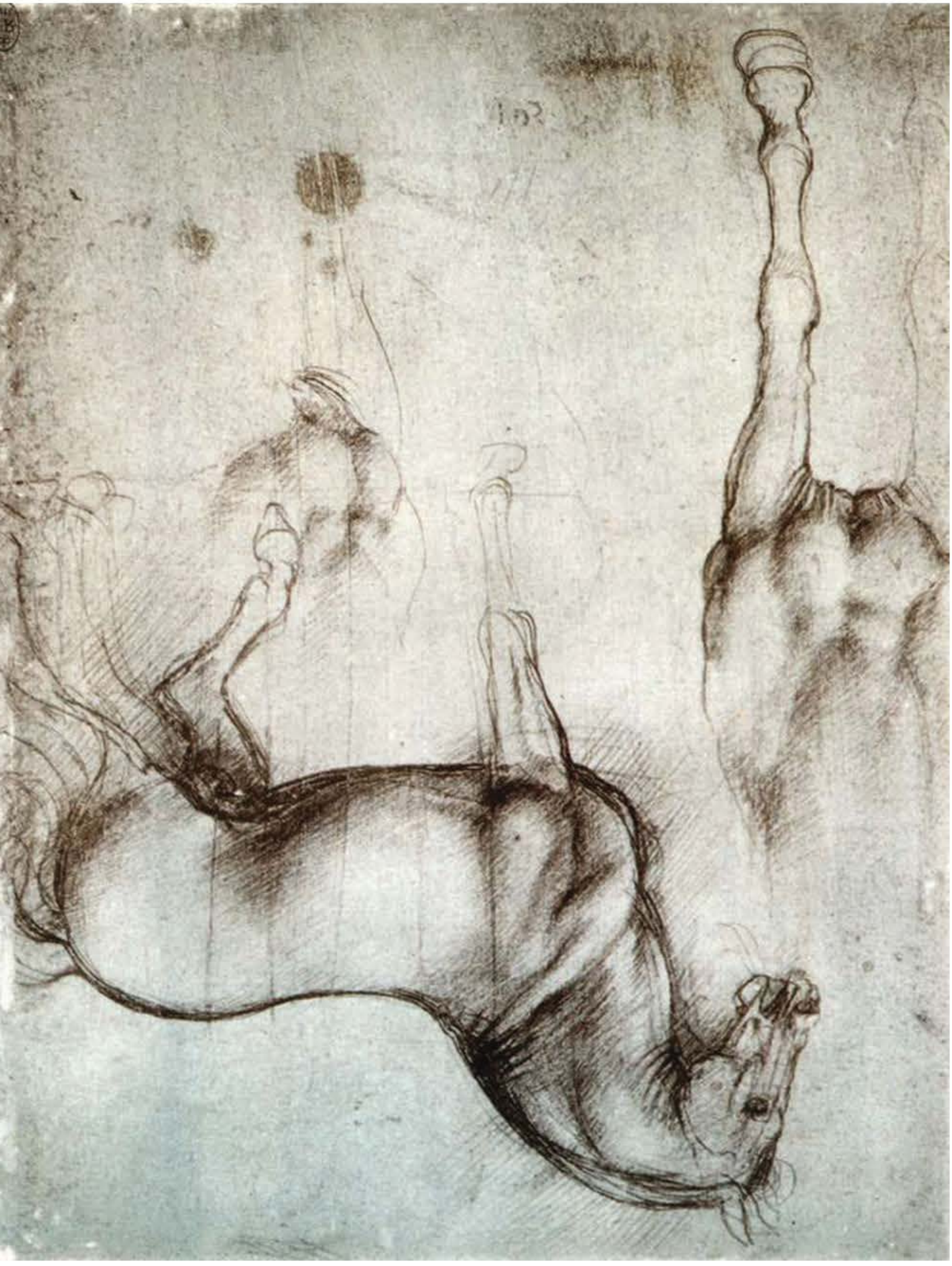
Leonardo da Vinci

Em 1489, Leonardo planejou um tratado de anatomia com base numa grande coleção de desenhos anatômicos que havia realizado a partir de observações e dissecações humanas e animais. Neste período executou outra encomenda muito importante, também chamada de pintura de altar, *A Última Ceia* para o mosteiro de Santa Maria delle Grazie, concebida entre 1495 e 1498, e encomendada por Ludovico Sforza. Trata-se da pintura mais famosa de Leonardo, da década de 1490.

Na corte de Milão, Leonardo trabalhou não só como retratista e cenarista, mas também realizou projetos arquitetônicos e de engenharia, criou aparatos militares e concebeu uma grande estátua equestre em homenagem a Francesco Sforza, pai e antecessor de Ludovico. Esta deveria ter sido outra de suas obras magnânimas, contudo, sua existência foi abreviada por uma série de problemas.

Em 1492, setenta toneladas de bronze chegaram a ser separadas para a confecção do monumento, indicando que havia intenção do artista (e pressão por parte de Ludovico) para que ele fosse concluído, mas, a

9 Retirado do endereço eletrônico pt.wikipedia.org/wiki/Chiaroscuro.



exemplo das pinturas que eram deixadas pela metade, o monumento também permaneceu inacabado por diversos anos.

Após um progresso bastante lento, um modelo de argila foi concluído; conhecido como *Gran Cavallo*, a obra foi projetada para ser a maior estátua equestre do Renascimento, superando as campeãs até então: a estátua de Gattemelata, em Pádua, da autoria de Donatello, e a de Bartolomeo Colleoni, de Verrocchio, em Veneza. Em 1494, toda a cena política mudou quando Milão foi ameaçada pelo rei da França, Carlos VIII, que sonhava em concretizar um sonho de seu pai, Luis XI: o de reinar sobre Nápoles, cujo trono ele julgava ter direito

Carlos VIII invadiu a Itália em 1494 e tomou diversos territórios. A presença militar inimiga alarmou diversos governantes italianos, Ludovico incluso. Decidido a chegar às vias de fato caso fosse necessário, Ludovico retomou todo o bronze que tinha deixado separado para a estátua de Leonardo com o intuito de transformá-lo em balas de canhão. Curiosamente, Carlos VIII não representou ameaça para Milão e preferiu seguir para Roma, aonde chegou em dezembro daquele ano, e depois rumou para Nápoles, que foi conquistada em 1495.

Entretanto, em setembro de 1499, súditos insatisfeitos com o governo de *Il Moro* valeram-se de uma ausência de Ludovico na cidade e a ofereceram para o novo rei da França, Luis XII, que tomou Milão no dia 6 de outubro daquele ano. As forças francesas cuidaram de destruir o *Gran Cavallo*, usando-o como alvo de flechas. O modelo foi perdido para sempre e o monumento jamais retomado.

Mas o período em que Leonardo esteve em Milão foi um dos mais ricos da sua carreira e, entre algumas de suas telas mais conhecidos, ele pintou o retrato de Cecilia Gallarani e de Lucrezia Crivelli. Outros trabalhos que o duque Ludovico de Milão encomendou foram o preparo de carros alegóricos para desfiles em ocasiões especiais e o projeto de uma cúpula para a Catedral de Milão – inacabado por diversos anos, fato que se tornaria cada vez mais comum na carreira de Leonardo.

O inventor

Na década de 1490, Leonardo também ocupou-se com a resolução de problemas técnicos e aventurou-se nas suas primeiras "invenções", que foram máquinas de guerra inspiradas na Antiguidade Clássica. Tendo encontrado um novo nicho para explorar e que, supostamente, o motivava,

Leonardo concebeu armas de fogo de repetição, um carro blindado com engrenagens, pontes desmontáveis e enormes máquinas de combate, como "A Grande Besta Sobre Rodas". As armas de fogo disparavam até oito projetos sequenciais, os carros blindados foram criados para proteger soldados ao invadirem fortalezas, assim como uma máquina capaz de transpor altas muralhas. Durante sua estadia em Milão, o artista dedicou-se ao aprofundamento dos seus estudos mais técnicos, o que incluiu o exame das obras de canais realizadas nas imediações. Uma das áreas de curiosidades que lhe era particularmente querida, era a da hidráulica, visto que a força das águas detinha uma importância extraordinária nas terras que circundavam Milão, atravessadas por um grande número de canais. Além disso, Leonardo passou a investigar as bases da mecânica e da natureza das águas.

Outro dos seus sonhos em termos de invenções era a construção de uma máquina que permitisse ao homem voar. Inventou um paraquedas simples, em que o aviador segurava com ambas as mãos planadores dotados de velas horizontais, e engenhos com asas móveis, tomando principalmente como modelos os próprios pássaros e sua mecânica de voo. Aliás, era frequente Leonardo recorrer à natureza como fonte inspiradora. A Máquina Voadora (1488) tornou-se um dos seus esboços mais conhecidos, mas na verdade, o artista criou vários dispositivos jamais testados, cujo objetivo era ajudar o homem a voar. Estes variavam de engenhocas similares a uma asa delta, a outros que preconizavam o conceito básico do helicóptero moderno, até o já citado uso do paraquedas.

Leonardo sempre se manteve afastado das frequentes contendas e disputas políticas de sua época, mas, em 1499, foi obrigado a tomar uma posição devido à entrada dos franceses em Milão. Depois do seu patrono de longos anos, Ludovico Sforza, *Il Mouro*, ter sido obrigado a fugir da cidade, Leonardo foi forçado a estabelecer contato com os franceses.

Embora Luiz XII, o rei francês, tenha ficado bastante impressionado com o trabalho de Leonardo e estivesse disposto a apadrinhá-lo, o artista resolveu abandonar Milão devido à insegurança política que acometeu a cidade e, em dezembro de 1499, decidiu retornar para Florença, na companhia dos seus alunos e do matemático Luca Pacioli. No caminho, parou em Mântua, onde desenhou o retrato de Isabella d'Este, filha do duque de Ferrara e importante figura política da época, e depois mudou-se para Veneza. Foi somente em meados de 1500 que ele regressou definitivamente para Florença.

De volta às tintas

Após esse fase de turbulência, ele deu início àquele que seria o seu período mais produtivo como pintor. Em 1501, trabalhou num pequeno quadro da Virgem com o Menino Jesus conhecido como *A Virgem do Fuso* – infelizmente, assim como vários trabalhos de Leonardo, *A Virgem do Fuso* se perdeu no correr dos anos, sendo que hoje apenas cópias da obra original sobreviveram.

Entre julho de 1502 e março de 1503, o artista viajou pela Itália a serviço do cardeal Cesar Bórgia[10] na condição de arquiteto e engenheiro da campanha deste. Durante este período, ele desenhou mapas e outros tipos de representações geográficas. Em 1503, regressou a Florença e iniciou o retrato de Lisa del Giocondo, esposa de Francesco del Giocondo. Este viria a se tornar simplesmente o quadro mais celebre da pintura ocidental, o retrato mais famoso do mundo, batizado de *Mona Liza* ou *La Gioconda*, "a risonha". A pintura é famosa principalmente pelo sorriso incerto em seu rosto. Diz a lenda que, para distrair a modelo, Leonardo tocava músicas compostas por ele próprio, fazendo uso de um órgão a água e de uma lira de prata (que ele daria de presente a Ludovico).

> Vasari, que dizem nunca ter visto a tela e só a conhecia por sua reputação, disse que o "sorriso era tão agradável que parecia divino, em vez de humano; e aqueles que o viam se espantavam ao descobrir que ele parecia tão vivo quanto o sorriso original".[11]

Foi também nesta época, no outono de 1503, que ele começou a pintura

10 O cardeal e político Cesar Bórgia era filho de Rodrigo Bórgia, nomeado o Papa Alexandre VI e possivelmente uma das figuras mais sanguinárias da história da Igreja Católica.

do mural da Batalha de Anghiari, um afresco executado na Sala del Gran Consiglio, um salão localizado no Palazzo Vecchio, em Florença. O afresco jamais foi terminado, mas deveria ter sido a maior obra de toda a sua carreira em termos de escopo.

A natureza benigna providenciou de modo que em qualquer parte você encontra algo para aprender. [12]

Leonardo da Vinci

Em 1506, Leonardo retornou a Milão, na época ainda sob o jugo francês. Ele logo começou a se envolver com a corte francesa e, embora tenha obtido apenas três meses de licença da *signoria* de Florença, pois seu mural da *Batalha*... no Palazzo Vecchio continuava inacabado, os biógrafos do artista acreditam que quando voltou para Milão, Leonardo já não tinha intenção nem de retornar a Florença, nem de concluir a obra. Uma vez lá, ele suplicou ao governador francês, Carlos d'Amboise que o apoiasse em sua estadia. Carlos pediu que o próprio rei Luis XII escrevesse uma carta à *signoria* de Florença solicitando que a licença de Leonardo fosse estendida indefinidamente. O fato é que, como já mencionado, Luis já tivera a oportunidade de conhecer o trabalho do artista e, na condição de grande apreciador, tinha a intenção de empregá-lo imediatamente, sendo a carta um mero ajuste político. No outono de 1507, o pintor precisou fazer um breve retorno à Florença para cuidar de um assunto pessoal, contudo ao fazê-lo, levou uma nova carta de Luis como salvaguarda, em que o rei se referia ao artista como "*nostre peintre et ingénieur*" [13] (nosso pintor e engenheiro), o que fez a *signoria* de Florença perder todas as esperanças de que um dia Leonardo terminasse a *Batalha de Anghiari*.

11 The Mona Lisa had brows and lashes, BBC News, 22 de outubro de 2007.
12 *Leonardo da Vinci, vida e obra de um dos maiores gênios da história.* Coleção grandes mestres da pintura, Ed. On Line, São Paulo.

De volta a Milão, Leonardo assumiu mais um projeto magnânimo: a construção de um mausoléu para o marechal Gian Giácomo Trivulzio – um italiano que estava a serviço dos franceses desde a época de Carlos VIII. Pensado para ser um grande projeto de engenharia e arquitetura, tal qual uma inquietante porção dos projetos de Leonardo, o mausoléu não foi levado adiante.

O envelhecer

Em 1512, mais uma vez eventos políticos desempenharam um papel crucial, quando a dinastia Sforza foi restabelecida, forçando a saída imediata dos franceses das terras italianas. Tendo trabalhado para a "corte inimiga" durante tanto tempo, o artista viu-se numa situação delicada e, após cuidadosa consideração, julgou que não seria adequado continuar residindo na cidade.

Em 1513, Leonardo da Vinci trocou Milão por Roma, onde se instalou no Vaticano e colocou-se a serviço de Juliano de Médice, irmão do Papa recém-nomeado Leão X. O artista foi protegido de Juliano entre 1513 e 1516, sendo alojado por ele num estúdio em Belvedere, contudo, Roma não lhe foi simpática, tendo clara preferência por Rafael e Michelangelo, artistas mais jovens, que traziam novas promessas. Novamente de acordo com Vasari, a presença dos dois artistas no auge da fama removeu todo e qualquer desejo de Leonardo de se envolver em empreitadas de grande importância no âmbito das artes visuais, tendo relegado a si próprio a uma série de experimentos científicos estranhos e de caráter duvidoso.

Nesta época, ele quase não pintou, tendo criado apenas alguns painéis e máscaras para grandes eventos, e também teve chance de organizar parte das suas anotações científicas. Ele aprofundou seus estudos matemáticos, dedicou-se decididamente aos projetos de arquitetura e de engenharia, aos estudos de anatomia e a redação do seu tratado sobre pintura (que só seria editado postumamente em Paris para a comemoração do seu centenário, em 1551, com o titulo de *Tratado de Pintura*).

Com a morte de Juliano, em março de 1516, desgostoso, Leonardo deixou a Itália para encontrar novamente abrigo entre os franceses. O então rei Francisco I estava decidido a povoar sua corte com tantos notórios artistas italianos quanto pudesse arrebatar, e Leonardo partiu definitivamente para a França, levando consigo seus manuscritos,

13 Encyclopaedia Britannica – vol. 13, 1962.

Estudos anatômicos de Leonardo da Vinci"

centenas de desenhos, três quadros – todos os três trabalhos comissionados e nenhum deles entregue (sendo um, possivelmente, a própria *Mona Lisa*). Não se sabe ao certo quando o artista deixou Roma, mas o primeiro registro dele na França é da primavera de 1517, quando foi morar no Castelo de Cloux, perto de Amboise, no Touraine – uma das residências de Francisco I.

Nesta época, Leonardo começou a apresentar dor nas articulações da mão esquerda e sua saúde começa a declinar. Tudo indica que ele viveu na corte francesa da mesma maneira que vivera em todas as demais, pintando esparsamente, organizando bailes de máscaras e criando projetos de engenharia que nunca se concretizaram – neste caso – uma grande empreitada de canalização fluvial. Mas, aos poucos, o artista seguia perdendo as forças.

O rei Francisco I era uma das suas visitas constantes. Outra era Beatis, secretário do Cardeal Aragon, a quem ele confessou que dissecara trinta cadáveres em seus estudos anatômicos, corpos que precisou

comprar ou roubar para estudar e aprender os segredos do movimento humano. Tudo anotado numa escrita peculiar, intraduzível e indecifrável durante muitos anos, até que se descobriu que Leonardo, de forma tão brilhante quanto excêntrica, escrevia seus textos ao contrário, para serem lidos diante de um espelho.

Em abril de 1519, Leonardo já se encontrava muito enfermo e acamado, então pediu a presença de um padre para receber a unção dos enfermos (extrema-unção), um sacramento cristão feito para encomendar a alma dos doentes, realizado com óleo.

No dia dois de maio, de acordo com a versão mítica contada por Giorgio Vasari (mas pouquíssima aceita hoje em dia) o rei Francisco I visitou mais uma vez o artista Leonardo, encontrando-o agonizando. Para aliviar-lhe a dor, Francisco sustentou a cabeça do moribundo nos próprios braços, de forma que Leonardo da Vinci teria morrido nos braços do rei. É provável que o biógrafo italiano tenha mitificado a morte do artista a fim de potencializar a força da sua lenda, afinal, uma das maiores honrarias possíveis para a época seria justamente desfalecer nos braços da realeza.

De acordo com o que pediu em seu testamento, sessenta mendigos seguiram o seu cortejo. Leonardo da Vinci foi enterrado na Capela de Saint-Hubert, no Castelo de Amboise, na França. Seu aluno mais devotado, Francisco Melzi, herdou seu patrimônio. Melzi tinha começado a trabalhar com Leonardo da Vinci em 1506, aos quinze anos. Acompanhou Leonardo em viagens a Roma e à França, em 1517, e ajudou o artista em seus últimos anos, quando o debilitado pintor não conseguia mais usar as mãos. Uma de grandes contribuições que Melzi deu ao mundo foi a compilação de escritos de Leonardo da Vinci, o *Trattato della Pittura*, (*Tratado de Pintura*).

Francesco Melzi, em memória de seu mestre e amigo, escreveu a seguinte nota sobre seu falecimento:

"Partiu da vida em 2 de maio, depois de receber os sacramentos da Igreja, perfeitamente resignado. Possa Deus, todo-poderoso, conceder-lhe sua eterna paz! Alguns lamentam a perda de um homem semelhante ao qual a natureza não pode gerar uma segunda vez." [14]

Cerca de vinte anos após a morte de Leonardo, o rei Francisco teria falado, segundo o escultor Benvenuto Cellini: "Nunca nasceu no mundo outro homem que soubesse tanto quanto Leonardo, nem tanto (por seus conhecimentos) de pintura, escultura e arquitetura, mas por ele ter sido um grande filósofo." [15]

14 Coleção Gênios da Arte, 2007, p. 88
15 Mario Lucertini, Ana Millan Gasca, Fernando Nicolo (2004). *Technological Concepts and Mathematical*

Curiosidades

Só se soube a data verdadeira do nascimento de Leonardo da Vinci em 1939, quando ela foi publicada por Emil Möller.

O pai de Leonardo, Piero da Vinci, casou-se quatro vezes e só teve filhos legítimos depois de Leonardo ter crescido.

Leonardo era canhoto e a escrita espelhada não era tão difícil para ele. Não era um estilo de fácil leitura e seus erros de grafia e abreviações aumentavam a dificuldade. Uma das razões para uso da escrita espelhada era que a tinta não borrava quando ele escrevia com a mão esquerda.

Serge Bramly, um dos principais biógrafos de Leonardo, concluiu que ele escrevia com ambas as mãos e em ambas as direções.

Quando as forças francesas ocuparam Milão, em 6 de outubro de 1499, agindo em conformidade com o comportamento leviano e brutal que exércitos de ocupação costumam ter, elas utilizaram o *Gran Cavallo*, o enorme molde de argila que Leonardo tinha feito para o monumento do pai de Sforza, pronto desde 1493, como alvo para atirarem suas flechas. Infelizmente, a estátua jamais chegou a ser moldada em bronze. Não se sabe o que foi feito dos restos do molde em si, embora algumas versões da história atestem que eles foram enviados para Ferrara pouco depois.

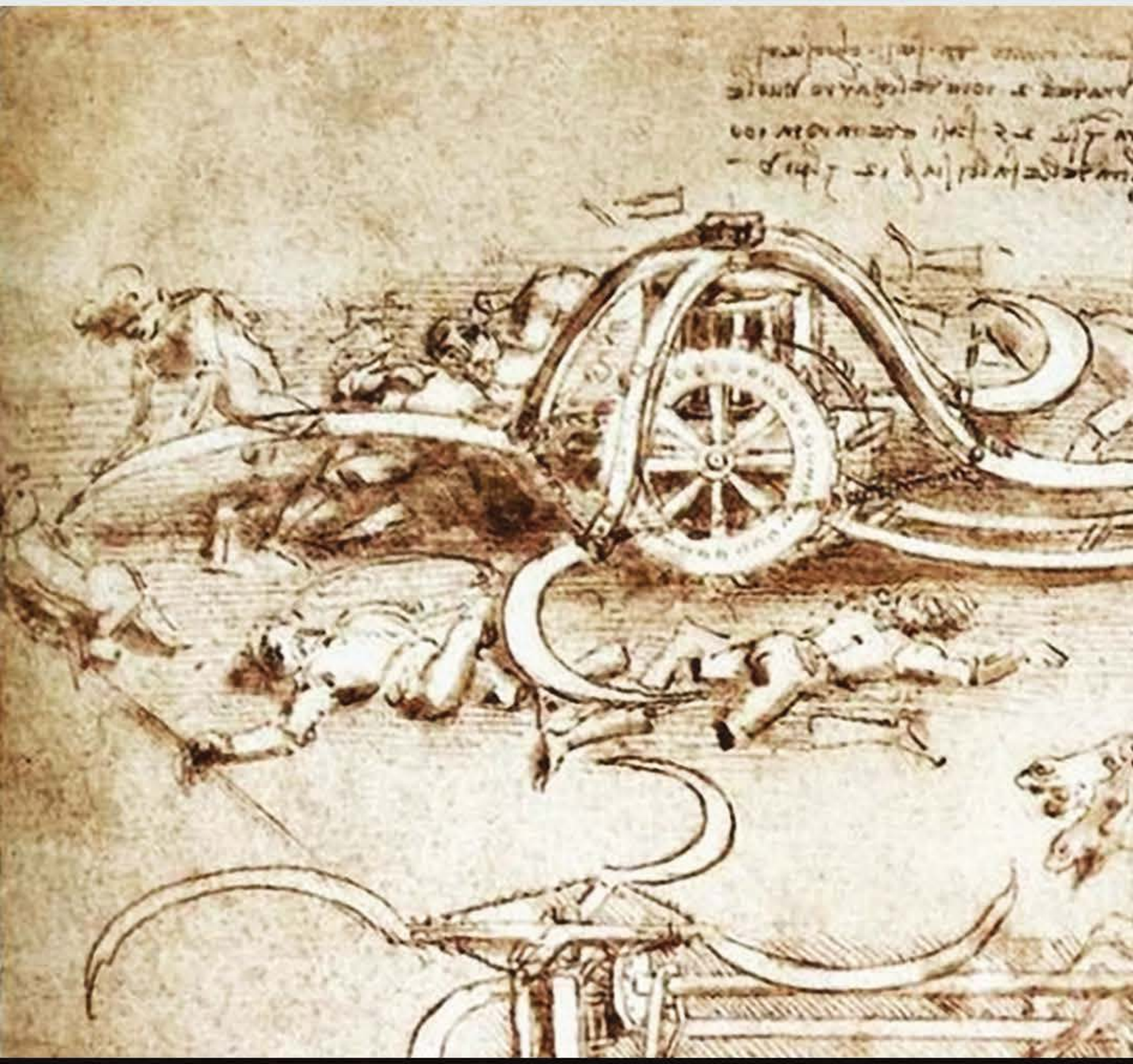
Enquanto estava a serviço de Cesar Bórgia, entre 1502 e 1503, Leonardo conheceu Nicolau Maquiavel, então embaixador florentino, de quem viria a se tornar íntimo posteriormente.

Na sua vida adulta, Leonardo relacionou-se pouco com mulheres e nunca casou; entre os seus numerosos esboços anatômicos apenas se encontram dois desenhos detalhados dos órgãos reprodutivos femininos. Os escritos e os livros de notas deixados por Leonardo revelam uma poderosa luta contra a sexualidade; numa passagem famosa dos seus livros de anotações, o artista afirmou:

"(...)o ato da procriação e tudo nele relacionado é tão nojento que a raça humana rapidamente desapareceria se não existissem caras bonitas e inclinações sensuais" [16]

A nota biográfica mais explícita em relação à vida íntima de Leonardo é um registro de um tribunal florentino que descreve a acusação anônima de sodomia [17] com um prostituto masculino (Jacopo Saltarelli) feita contra Leonardo, quando ele ainda se encontrava na oficina de Verrocchio.

16 Friedman, David M. A Mind of Its Own: A Cultural History of the Penis. [S.l.]: Penguin, 2003. 376 p. p. 48.
17 A palavra sodomia tem origem na descrição bíblica da destruição de Sodoma e Gomorra.



Capítulo 2

Renascimento

"Aqueles que estão apaixonados pela prática
sem conhecimento são como um marinheiro que
entra em um navio sem timão ou compasso, e
nunca sabem ao certo para onde vão."

Leonardo da Vinci

Capítulo 2

O Renascimento é um movimento caracterizado pelo retorno à arte clássica, focado nos princípios de valorização da natureza e do racionalismo.

Ele foi chamado de "Renascimento" em virtude da redescoberta e revalorização das referências culturais da antiguidade clássica. A arte desse período é caracterizada pelos ideais de perfeição, naturalismo, harmonia, simetria e por uma poderosa influência de temas religiosos. O Renascimento começou na Itália, no século XIV e foi amplamente difundido por toda a Europa, durante os séculos XV e XVI. Trata-se de um período de grandes e importantes transformações culturais e sociais, em que foram fixados diversos princípios gerais que passaram a reger boa parte do mundo ocidental tal qual o conhecemos hoje.

No período renascentista, ocorreram profundas mudanças na religião, nas ideias das pessoas e no comportamento geral – o que foi refletido diretamente nas obras de grandes artistas da época, em especial na Itália. A principal dessas transformações, que deu origem à base do pensamento renascentista, diz respeito a uma nova consciência do próprio homem como centro e medida de todas as coisas. Essa nova consciência aconteceu em lentos e contínuos estágios ao longo do século XIV, por meio da redescoberta da literatura da Antiguidade clássica, como os textos de Platão, por poetas, filósofos e humanistas.

Leda e o Cigno - Leonardo da Vinci

A razão, de acordo com o pensamento da Renascença, era uma manifestação do espírito humano que aproximava o indivíduo de Deus; ao exercer sua capacidade de questionar o mundo, o homem, longe de afastar-se da semente divina, muito pelo contrário, simplesmente dava vazão a um dom concedido por Deus [1]. Outro aspecto fundamental do pensamento e, por conseguinte das obras renascentistas, privilegiar as ações humanas (ou humanismo).

Na arte, essa característica era representada pela recriação de situações cotidianas e pela rigorosa e realista reprodução dos traços e formas humanas (naturalismo). Tal aspecto humanista bebia novamente na fonte do conceito primordial do Renascimento: a reverência às concepções artísticas da Antiguidade Clássica ou Classicismo.

1 O questionamento do mundo conforme compreendido pelos renascentistas pode ser enquadrado dentro do chamado neoplatonismo, um conjunto de doutrinas que sintetizam o pensamento de Platão com outros escolas filosóficas.

Giovanni Boccaccio

Humanismo

O Humanismo pode ser apontado como o principal valor cultivado na cultura renascentista. Na literatura, um grande mestre renascentista foi Giovanni Bocaccio (autor do Decamerão), enquanto que no teatro, o nome de Gil Vicente costuma ser o primeiro lembrado.

A valorização das ações humanas deu início a um diálogo travado entre os artistas e a classe burguesa dominante, que floresceu a partir da chamada Baixa Idade Média, período que fica compreendido entre os séculos V e XV da nossa era. Suas ações pelo mundo, a circulação por diferentes espaços e seu ímpeto individualista chamaram a atenção dos homens que viveram todo esse processo de transformação privilegiado pelo Renascimento. É importante ressaltar que muitos burgueses, ao entusiasmarem-se com as temáticas encontradas no movimento renascentista, financiavam uma pletora de artistas e cientistas que surgiram entre os séculos XIV e XVI. Além disso, outro aspecto fundamental que pode ser destacado no período era a busca pelos prazeres (hedonismo), o que ajudou a projetar o individualismo da modernidade e

deixá-lo em voga.

Leonardo – um marco renascentista

Leonardo da Vinci teve também um importante papel no Renascimento científico ao lançar-se em projetos que envolviam áreas diversas, com destaque para a engenharia, física, anatomia e botânica.

Ele pode não gozar da mesma importância científica que seu caráter como pintor lhe confere, sendo que outros grandes nomes do período o suplantam. Por exemplo, o astrônomo Nicolau Copérnico (e posteriormente Galileu Galilei) propuseram hipóteses que, embora inicialmente não aceitas, posteriormente mudaram sobremaneira a percepção de mundo que os homens tinham. Em outra direção, tivemos a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg, em 1439, que literalmente "reescreveu" o jogo.

Ainda assim, dentro do seu grande quinhão de projetos científicos executados, Leonardo da Vinci conquistou certa importância e reverência – ainda que a maior parte das suas empreitadas, a exemplo das suas pinturas, tenha permanecido inacabada ou não executada. O destaque da sua mente criativa e a frente de se tempo vai para as diversas máquinas voadoras (sendo um dos protótipos até mesmo equipado de uma hélice, preconizando em séculos o surgimento do helicóptero) e as ambiciosas obras de engenharia. Se os projetos pensados por Leonardo nunca chegaram a se concretizar na época, não cabe aí um duro argumento de crítica, nem algum desmerecimento. Em verdade, mesmo hoje eles subexistem como um verdadeiro atestado da genialidade deste pensador que estava muito além de seu tempo.

Mas, no que pese a riqueza que pode ser encontrada no movimento renascentista de forma geral, é correto afirmar que seu período inicial foi um momento de estagnação científica – uma clara fase de transição, em que as disciplinas fundamentais necessárias para que o homem possa compreender melhor o mundo - como a física e a astronomia – não são desenvolvidas a contendo. Foi necessário um período lento e constante de modificação na mentalidade para que o Renascimento atingisse seu auge, pelo qual é lembrado.

Os historiadores dividem o Renascimento em três grandes fases, Trecento, Quatrocento e Cinquecento, que correspondem respectiva-

mente aos séculos XIV, XV e XVI, sendo que existe ainda um breve interlúdio entre as duas últimas fases, chamado de Alta Renascença.

Trecento

Representa a preparação para o Renascimento e foi um fenômeno majoritariamente italiano. As características primordiais dessa fase inicial foram a valorização do indivíduo, dos detalhes humanos e a ruptura com a estagnação e com a hierarquia da pintura medieval, que dominaram a arte na Europa por mais de mil anos.

Durante esse período, no século XIV, as manifestações ocorreram predominantemente na Península Itálica [2] e os principais expoentes artísticos foram Giotto di Bondone, Giovanni Boccaccio e Francesco Petrarca. Como principal legado literário, pode-se destacar além de Petrarca (*África* e *Odes a Laura*), também o poeta Dante Alighieri (*A Divina Comédia*), autor não só de uma das mais conhecidas obras do período, como de todos os tempos.

Outro luminar da época, Boccaccio, viu seu talento literário se manifestar deste muito cedo. Ele foi um importante humanista e autor de um número notável de obras, sendo a mais conhecida o *Decamerão*, além do poema alegórico *Visão Amorosa* (*Amorosa Visione*) e *De claris mulieribus* (em tradução livre *Mulheres Famosas*), que apresentava uma série de biografias de mulheres ilustres da época. O *Decamerão*, uma compilação de 100 novelas escritas entre 1348 e 1353, fez de Boccaccio o primeiro grande realista da literatura universal, e representa hoje o grande ponto de ruptura com a literatura medieval.

No campo da pintura, o artista Giotto di Bondone é quem mais se destacou em todo o período, tendo sido responsável por obras-primas como *O Beijo de Judas*, *Juízo Final*, *A Lamentação* e *Lamento Ante Cristo Morto*.

Foi neste momento em que trazia representantes de dentro e de fora da Itália, que o Renascimento contou com a obra artística do italiano Leonardo da Vinci. Considerada a era dourada do período, o Quatrocento traz o amadurecimento do Humanismo, até então incipiente, e a sua difusão pela Europa.

Em consonância com o modelo emergente, passou a existir a necessidade de armazenar todo esse conhecimento intelectual que surgia de

[2] Uma das maiores penínsulas da Europa, medindo 1000 km dos Alpes.

O Beijo de Judas -
Giotto di Bondone

A Lamentação -
Giotto di Bondone

Quatrocento

Foi apenas perto do fim do século XV que a influência do Renascimento rompeu de fato as fronteiras da Itália, o seu indiscutível berço, e viajou para outros países da Europa, como Inglaterra, França, Portugal, Espanha, Alemanha, Holanda e Bélgica (Países Baixos). Alguns historiadores chamam esse processo de italianismo, a fim de firmar uma referência para a divulgação da cultura italiana na renascença.

Fora da Itália, o Renascimento cresceu e se fortaleceu ainda mais e, em toda a Europa, personalidades importantes surgiram. A seguir, uma breve lista de alguns países cujos principais expoentes merecem destaque:

Thomas More

Inglaterra

Thomas More [3] – *A Apologia; Utopia.*
William Shakespeare – *Romeu e Julieta; Hamlet; Otelo; Sonhos de Uma Noite de Verão; entre* outras.

François Rabelais

França

François Rabelais – *Gargântua; Pantagruel.*
Michel de Montaigne – *Ensaios.*

Gil Vicente

Portugal

Gil Vicente – *Auto da Barca do Inferno; Farsa de Inês Pereira; Auto dos Reis Magos.*
Luís Vaz de Camões – *Os Lusíadas*; *Rimas.*

[3] Thomas More também pode ser encontrado com as grafias Thomas Morus ou Tomás Morus.

Grécia

El Greco

El Greco [4] – *A Abertura do Quinto Selo*;
O Enterro do Conde Orgaz. Vista de Toledo.

Espanha

Miguel de Cervantes

Miguel de Cervantes – *Dom Quixote de La Mancha.*

Países Baixos (Holanda e Bélgica)

Irmãos Hubert e Jan Van Eyck

Irmãos Hubert *e Jan Van Eyck – Adoração do Cordeiro; A Crucificação; O Julgamento Final.*
Hieronymus Bosch – *O Carro de Feno,*
O Jardim das Delícias; As Tentações de Santo Antão.
Pieter Brueghel – *O Alquimista, Banquete Nupcial, Os Cegos.*
Erasmo de Roterdão – *Elogio da Loucura*; *Adágios.*

Alemanha

Albrecht Dürer

Albrecht Dürer – *Apocalipse; A Melancolia;*
Vida da Virgem; O Cavaleiro, A Morte e o Diabo.
Hans Holbein – *Cristo na Sepultura;*
Os Embaixadores; Vênus e Amor.

[4] El Greco, embora fosse grego de nascença, desenvolveu a maior parte da sua obra na Espanha.

forma vertiginosa. Bibliotecas foram fundadas na Itália com o objetivo de se tornarem esses grandes centros de conhecimento e os principais pensadores julgaram necessário restaurar o latim (que havia se transformado em um dialeto multiforme), resgatando a sua pureza clássica, a fim de torná-lo a nova língua franca[5] da Europa. A restauração do latim derivou da necessidade prática de se gerir intelectualmente toda essa nova biblioteca renascentista.

> Leonardo havia adotado o princípio das proporções matemáticas para o corpo humano e da rigorosa base geométrica para a representação tridimensional dos corpos. Para, ele, a ideia de imitação da natureza e a incansável exploração de seus segredos permanecem uma doutrina absoluta a qual se dedica por meio do desenho; um exercício constante que essa singular figura do Renascimento leva muito além do âmbito artístico.[6]

Foi nessa época que as ciências passaram a ter um impacto relevante e de grande importância nas artes, fosse na pintura, escultura ou arquitetura.

Na pintura, por exemplo, a técnica passou a ser avaliada sob um prisma diferente, de modo que o estudo da geometria, da perspectiva e da anatomia tornou-se um pré-requisito funda-

5 Lingua franca é uma expressão latina para língua de contato ou língua de relação.
6 BYINGTON, 2009, p. 26.

mental para os novos pintores. O estudo da geometria permitiu que os artistas alcançassem uma maior complexidade nas suas obras, e as conduzissem cada vez mais para o registro do real nas telas. A geometria também abriu caminho para o surgimento de um novo estilo arquitetônico, cujo objetivo era reviver a arquitetura romana, se bem que apresentando-a sob uma nova roupagem.

As regras da perspectiva renascentista - inventadas em 1415 por Brunelleschi e descritas em 1435 por Leon Battista Alberti (1404-1472) - possibilitaram a criação do espaço tridimensional sobre a superfície plana, resultando em uma imagem muito semelhante à percepção que o olho humano possui da realidade espacial e dos objetos nela colocados. [7]

Alta Renascença/Cinquecento

A Alta Renascença do século XVI, também chamada de Alto Renascimento, ocorrida entre 1450 e 1527, representa o ponto culminante da arte da Renascença italiana. Devido ao Papa Júlio II [8] ter patrocinado muitos artistas durante este momento, o movimento foi

7 BYINGTON, 2009, p. 18.

A Anunciação
- Leonardo
da Vinci

centrado em Roma, em detrimento ao período anterior, que tinha sido organizado majoritariamente em Florença e encabeçado por Leonardo da Vinci. Trata-se de um momento em que toda a atenção da Europa se volta para a Itália; um período que, sem margem para erro, demarca claramente a transição da Idade Média para a Idade Moderna.

Muito embora o marco que dá início à Alta Renascença sejam as obras feitas na maturidade pelo próprio Leonardo, com destaque para *A Última Ceia*, os grandes nomes do período são Michelangelo e Rafael, que carregaram a tocha após Leonardo. A reverência à Antiguidade Clássica, chamada de Classicismo, atingiu a perfeição e o equilíbrio máximos na Alta Renascença. Tendo sido tremendamente buscada pelos artistas ao longo de todo o processo anterior, especialmente no que diz respeito à pintura e à escultura, pela primeira vez a Antiguidade era compreendida como um todo unificado e não como uma sequência de eventos isolados.

Em 1527, ocorreu um notório evento conhecido como o "Saque de Roma", em que aproximadamente 40 mil soldados amotinados invadi-

8 Era frade franciscano, nascido Giuliano della Rovere O.F.M. (Savona, 5 de Dezembro de 1443 - Roma, 21 de Fevereiro de 1513), foi Papa de 1 de Novembro de 1503 ate à data da sua morte, em 21 de fevereiro de 1513. Encontra-se sepultado em San Pietro in Vincoli em Roma.

ram a cidade, saqueando-a brutalmente.

Comumente aceito como o momento que marca o término da Alta Renascença, o Saque de Roma dá princípio ao Cinquecento, uma fase que foi marcada por uma nova leva de importantes artistas, pelo surgimento de alguns estilos dentro do Renascimento, pela influência advinda da Reforma Protestante e por um movimento artístico chamado Maneirismo [9]. O estilo maneirista ficou caracterizado como uma valorização da originalidade individual, pela complexidade e artificialismo que visava sobrepor-se por meio da emoção, elegância e pela tensão nas variadas feições expressas.

No campo científico é necessário destacar o extraordinário rebuliço que a teoria heliocêntrica, defendida inicialmente pelo astrônomo Nicolau Copérnico, e posteriormente por Galileu Galilei e Giordano Bruno, causou. Tal concepção abalou o monopólio do conhecimento que, até então, pertencia à Igreja Católica.

Porém, todo esse Classicismo, embora tenha sido capaz de gerar

9 O Maneirismo foi um estilo artístico surgido na Europa no século XVI, cujo movimento revisava a visão clássica e naturalista da arte. Manifestado na pintura, escultura e arquitetura italiana, espalhou-se por toda Europa e colônias da América e Oriente. Na França, Espanha e Portugal, o Maneirismo ficou expresso como um estilo italiano quinhentista. O termo "maneirismo" provém do italiano "maniera", que significa "maneira", em português.

obras de características singulares, tão poderosas que poderiam até mesmo ser comparadas às artes da Antiguidade Clássica que elas prestavam homenagem e cujos valores buscavam recuperar, não eram isentas de problemas. Elas traziam uma poderosa carga formalista, que espelhava o código de ética artificial, cosmopolita e abstrato que permeava os círculos da época e que traziam uma obrigatoriedade de moderação, autocontrole, dignidade e polidez.

É na pintura de Rafael e na música de Palestrina [10] – provavelmente os mais perfeitos representantes artísticos da época – e também no livro *O Cortesão de Baldassare Castiglione* [11], sua súmula teórica, que encontramos a perfeita síntese desta porção do período. O idealismo que foi intensamente cultivado na Antiguidade Clássica encontrava, enfim, uma reformulação. Segundo Hauser:

[10] Giovanni Pierluigi da Palestrina (3 de fevereiro de 15251 - 2 de fevereiro de 1594) foi um compositor italiano da renascença. Ele era o mais famoso no século XVI, representante da Escola romana. Palestrina teve uma grande influência sobre o desenvolvimento da música sacra na Igreja Católica Apostólica Romana.

[11] Foi um diplomata italiano, Em 1528, publica, em Veneza, Il Libro del cortegiano (O Cortesão).

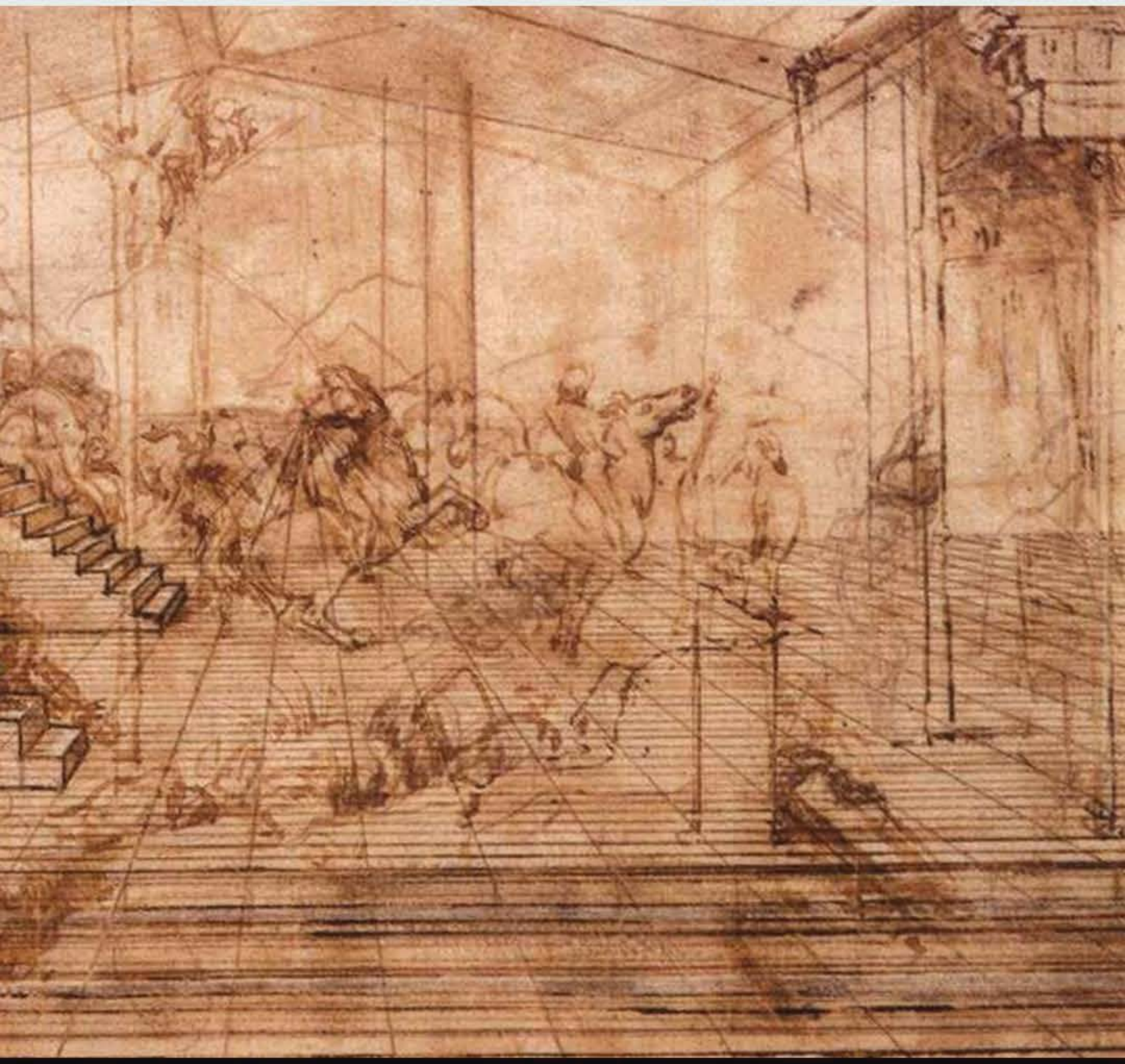
> De acordo com os pressupostos desta arte, pareceria inconcebível, por exemplo, que os apóstolos fossem representados como camponeses vulgares e artesãos comuns, como o eram tão frequentemente e com tanto sabor, no século XV. Para esta arte nova, os profetas, apóstolos, mártires e santos são personalidades ideais, livres, grandes, poderosas e dignificadas, graves e solenes, uma raça heroica, no pleno florescimento de uma beleza madura e enternecedora. Na obra de Leonardo encontramos ainda tipos da vida comum, ao lado destas nobres figuras, mas gradualmente nada que não seja grande e sublime parece digno de representação artística. [12]

No século XVII o Barroco substituiu a arte renascentista na Europa, tanto nos países católicos quanto nos protestantes, e não tardou a ganhar também as Américas, algo que o próprio Renascimento foi incapaz de fazer, já que não obteve expressividade fora da Europa.

12 Hauser (1972) pp. 455-468

Capítulo 3

Polêmicas



O casamento é como enfiar a mão num saco de serpentes na esperança de apanhar uma enguia.

Leonardo da Vinci

Capítulo 3

Alçado à alcunha de gênio em especial a partir do século 20, a verdade é que a universalidade de Leonardo da Vinci está intimamente ligada à cultura popular e ao imaginário criado em torno do raro potencial que ele apresentava e dos seus êxitos nos campos em que atuou.

Na verdade, não é raro encontrar artistas que se envolveram em várias propostas de trabalho distintas, de William Blake ao samurai Miyamoto Musashi, e que obtiveram graus de excelência em tudo o que fizeram. Mas, aparentemente o que distingue Leonardo dos seus pares foi a maneira com que ele conseguia se autopromover aos olhos da sociedade. De fato, desde muito cedo, ele soube como "vender" a imagem de ser um artista completo e universal.

Que fique claro que não está sendo questionada aqui a qualidade dos trabalhos que sobreviveram dele, mas sim o "marketing" que ele fazia de si próprio, anos antes de o termo sequer ter sido pensado. Por exemplo, o serviço que o projetou e manteve em condição financeira estável durante anos – produzir trabalhos comissionados para Ludovico Sforza – foi obtido por meio de uma carta de autorrecomendação escrita pelo próprio Leonardo, então ainda jovem e desconhecido, que na missiva discorreu sem um pingo de modéstia sobre suas habilidades notáveis e singulares.

Ao oferecer-se como engenheiro militar (embora não exista nenhum registro confiável de que ele tenha recebido qualquer treinamento formal nessa profissão) de forma tão premente, em somatória aos seus dons artísticos e capacidades inventivas, *Il Moro* sentiu-se plenamente convencido da capacidade do jovem pintor e o contratou, tratando-o como protegido durante anos.

A carta, preservada entre vários outros documentos do artista no seu *Codeci Atlantico*, pode não ter sido escrita de próprio punho, conforme muitos de seus biógrafos contestam, mas ainda assim era mantida junto das demais anotações, o que por si só atesta a importância que ela tinha para ele. Nela, além de oferecer-se para construir pontes, edificações e invenções de guerra de sua autoria, Leonardo afirma que seus serviços para Ludovico incluiriam pintar quadros, trabalhos de arquitetura e – o que talvez tenha sido essencial para convencer *Il Moro* do seu valor – criar uma estátua de bronze do pai de Ludovico, Francesco Sforza, tão magnânima que não haveria outra igual no mundo.

Hoje, das pinturas, esculturas e desenhos que restaram do artista e são o grande atestado da sua variedade de interesses, a maior parte está inacabada, o que leva a duas conclusões possíveis: ou seu perfeccionis-

mo o impedia de concluir seus trabalhos ou talvez fosse a quantidade de campos e interesses com os quais ele se envolvia. Orbitando de uma produção artística para a seguinte, sem nunca dedicar-se de fato a concluir a anterior, talvez por enfado, talvez por perda de interesse, talvez (atrevem-se a dizer alguns) por incapacidade de pôr fim definitivo a uma obra, o fato maior subsiste: Leonardo raramente terminava o que começava.

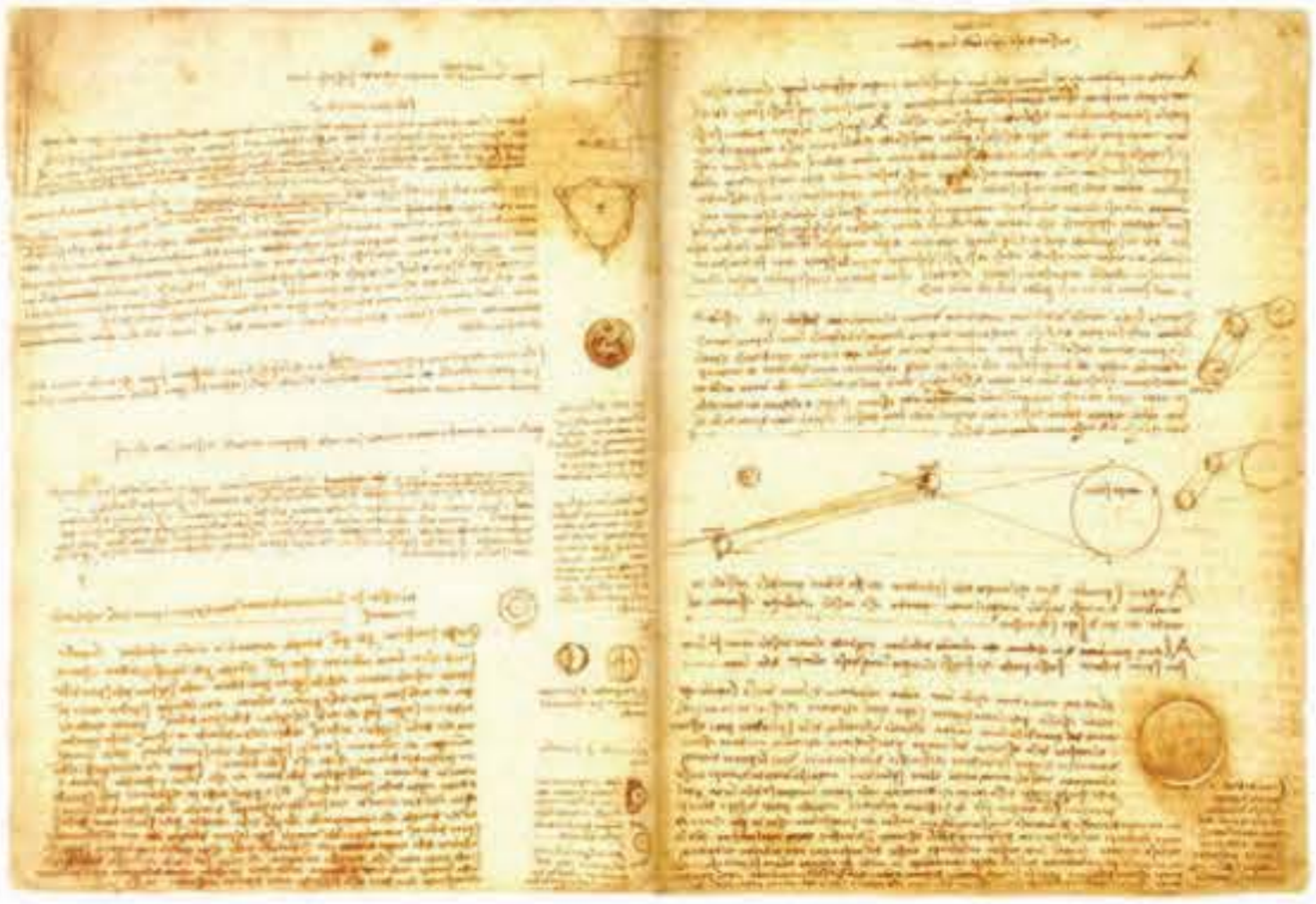
Esse ponto de vista mostra um Leonardo da Vinci de suposto desequilíbrio emocional que, como uma criança ao ganhar um novo brinquedo, perde o interesse pelos anteriores e apenas os deixa de lado – postura que lhe valeu problemas em vida, inclusive um longo e problemático processo judicial.

Uma das empreitadas mais ambiciosas da carreira de Leonardo, levada a cabo no âmbito da engenharia, resultou em um fracasso retumbante. Quando voltou à Florença, após seu período servindo Cesar Bórgia, Leonardo elaborou um poderoso esquema para canalizar o rio Arno, de forma a torná-lo navegável de Florença até o mar. Em parceria com outro grande nome do seu tempo, Nicolau Maquiavel, o artista elaborou um planejamento hidrológico tão grande em escopo quanto complexo, que, embora viável no papel, provou-se inaplicável na prática [1]. Trata-se de apenas um dos inumeráveis projetos jamais concluídos.

Outra polêmica sobre a vida de Leonardo diz respeito ao seu aprendizado com Verrocchio, uma vez que não há documentos oficiais que corroborem a relação professor/aluno. Mesmo a pintura *O Batismo de Cristo*, supostamente de autoria dos dois artistas, não constitui prova cabal do aprendizado e, na melhor das hipóteses, é circunstancial. Existe, contudo, um documento de uma denúncia anônima feita em 1476 em que Leonardo e outros três homens da época são acusados de frequentar um notório prostíbulo para garotos, o que corrobora para duas teses, a primeira, de que o artista de fato vivia com Verrocchio (já que a residência é citada no documento) – muito embora, nesse período, seguramente a relação professor/aluno já teria sido concluída (afinal Leonardo já era, até mesmo, membro da Guilda de São Lucas); e a segunda, de que ele tinha uma predileção por garotos em suas relações sexuais.

A autenticidade das pinturas de Leonardo da Vinci é uma polêmica á parte. Evidentemente, *todos* querem possuir uma obra dele em seu acervo, de museus a colecionadores particulares, assim, ao longo dos

1 Esta pouco conhecida, porém encantadora história foi contada em detalhes no livro Fortune is a River (Plume, 1999), de Roger D. Masters.



Um dos exemplos de anotações de Leonardo, escrita da direita para a esquerda e de trás para frente.

anos, surgiram muitas supostas telas atribuídas ao artista; afrescos, gravuras, retratos etc. Determinar a autenticidade de cada obra é um trabalho hercúleo, que esbarra em diversas dificuldades.

Existem vários casos famosos que levantaram a questão da autenticidade no passado, em especial o de alguns retratos que datam provavelmente do primeiro período milanês de Leonardo. Nenhum deles apresenta assinatura (o que era típico do artista) e todos foram objetos de estudo durante anos. O primeiro, um retrato inacabado chamado *O Músico*, pertencente à Biblioteca Ambrosiana, em Milão, é tão parecido com o anjo de *A Virgem dos Rochedos*, que a autoria de Leonardo é amplamente aceita em toda a comunidade, mesmo fugindo a um padrão claríssimo do pintor: trata-se do único retrato de um homem atribuído a ele.

A Dama do Arminho foi objeto de discussão durante anos. Acredita-se que o retrato seja de Cecilia Gallerani, uma jovem de apenas 17 anos que era dama da corte de Milão e que se tornou amante de Ludovico Sforza, a partir de 1481. Essa contextualização ajuda a categorizar a pintura como sendo de autoria de Leonardo, mas acima de tudo, os especialistas se apoiam em questões técnicas. O arminho que a moça carrega nos braços é tratado com notável exuberância, sendo que seu rosto traz uma maravilhosa expressão de alerta. Na época em que o retrato foi feito, provavelmente 1485, Leonardo era o único pintor que demonstrava algum interesse nesse tipo de interpretação, sendo a única exceção Piero di Cosimo. Mas, conhecendo o temperamento de Leonardo, tudo indica que a autoria só poderia mesmo pertencer a ele; o arminho, considerado na época um símbolo da castidade, é a perfeita expressão satírica para o questionável contexto em que a encomenda do retrato fora feita. Trata-se de um pintor que faz uso do seu notável trabalho para debochar da sociedade e da mão que o alimenta, quer isso

estivesse claro ou não.

A Belle Ferronière, provavelmente pintada em paralelo à *Dama do Arminho*, é outro caso interessante. Durante anos, acreditava-se que a obra era um retrato de Ferronière, amante do rei da França, Francisco I, mas o exame e revisão de documentações de época indicam que esta foi, muito provavelmente, mais uma encomenda de Sforza, o Duque de Milão. A moça em questão era Lucrezia Crivelli, mais uma amante de *Il Moro*. Como Leonardo não assinava ou dava nome às suas obras, posteriormente o quadro foi batizado de forma imprecisa. Durante anos acreditou-se que a obra, exposta no Louvre, poderia ter sido pintada por Giovanni Boltraffio, um dos pupilos de Leonardo, hipótese que hoje encontra-se praticamente enterrada.

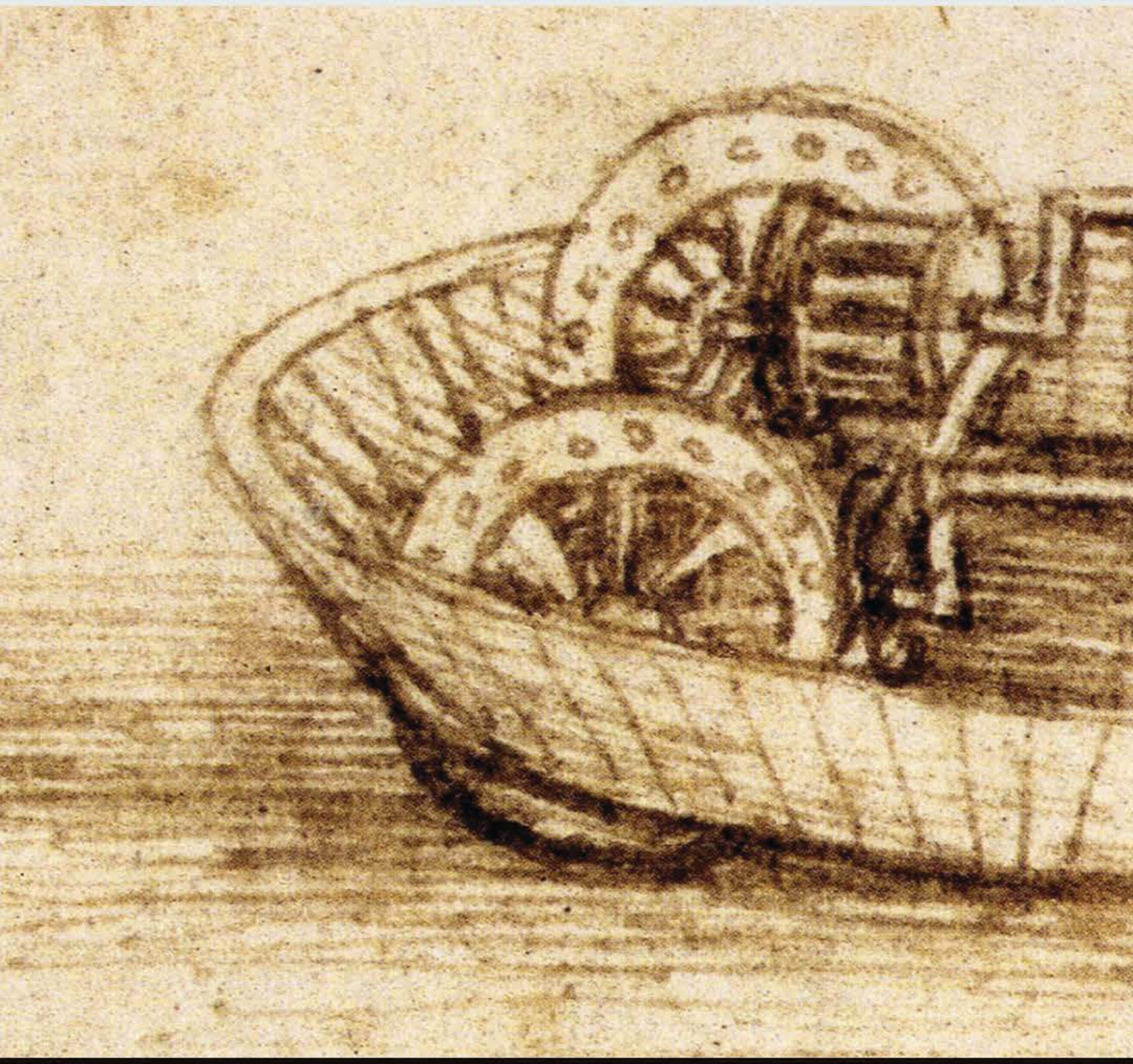
É notório também as quebras de contrato que o artista fazia, sem nunca se preocupar com as consequências – já que passou a vida inteira escorado por pessoas altamente influentes, como Ludovico Sforza e Francisco I. Um deles data de janeiro de 1478, durante o primeiro período florentino de Leonardo, e pressupunha a pintura não especificada de uma peça de altar para a capela de São Bernardo, no Pallazzo Vecchio. O contrato fora oferecido anteriormente a Piero Pollaiuolo, que falhou em honrá-lo. Após Leonardo também fracassar, o contrato foi passado para Domenico Ghirlandaio, que também não entregou a obra.

No livro *O Código da Vinci*, o autor Dan Brown pressupõe uma série de mensagens codificadas deixadas na obra de Leonardo, que revelavam uma verdade arrebatadora, a de que Jesus Cristo havia sido um homem comum, casado com Maria Madalena. Um dos afrescos mais importantes para essa teoria é *A Última Ceia*, na qual Brown defende que quem está a direita de Jesus não é João, mas sim Maria. A deidade de Cristo teria sido uma invenção do imperador Constantino, no Conselho de Nicéia, enquanto que os descendentes de Jesus (a linhagem dos merovíngios, que existe até hoje na França) teriam fundado uma sociedade secreta. O autor Dan Brown, procurando se esquivar das polêmicas, sempre disse que seu livro é uma obra de ficção e que deveria ser tratado como tal. Evidentemente, as questões por ele levantadas deram princípios a centenas de teorias da conspiração em todo o mundo e cuidaram de catapultar *o Código da Vinci* para a lista de um dos livros contemporâneos mais vendidos.

A Dama do Arminho

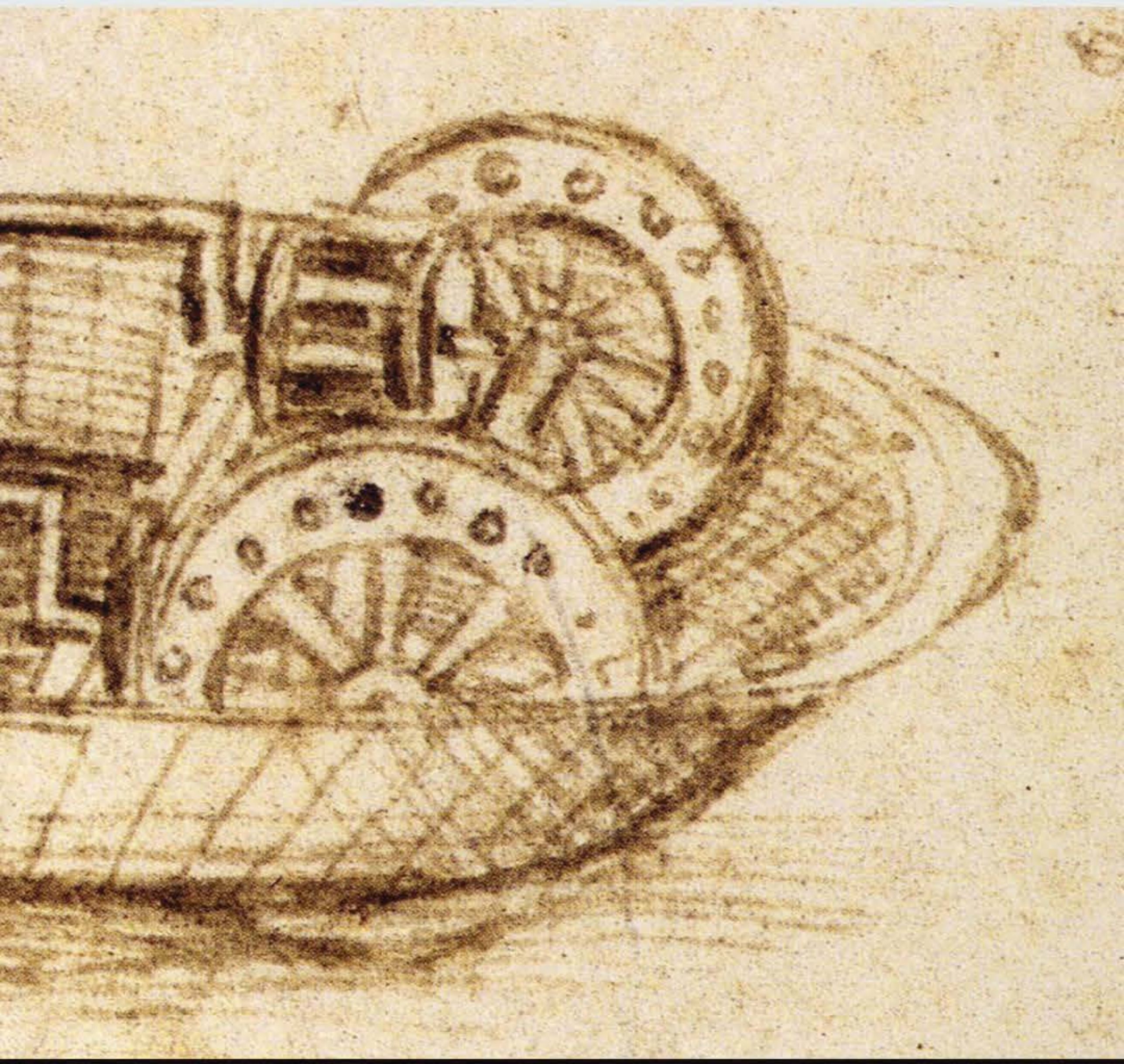
Curiosidades

Leonardo nunca gostou de assinar o seu nome completo ou apenas Da Vinci; ele gostava mais de assinar simplesmente como Io, Leonardo (Eu, Leonardo). Um fato curioso é que a maioria dos quadros que ele pintou foi de cenas religiosas ou retratos. No caso das cenas religiosas, muitos envolviam as imagens da Virgem Maria (normalmente chamada de Madona, "senhora", na época) e do Menino Jesus. Isso não se deve pela questão que Leonardo fosse um católico devoto, na verdade não se sabe muito sobre suas crenças e fé, mas era comum no contexto histórico daquele período pintar temas da arte sacra, em geral encomendados por membros da própria Igreja Católica. Esse aspecto é interessante, pois vai de encontro ao pré-conceito de alguns que acham que o Renascimento rompeu de vez com a tradição artística medieval. De fato os estilos e técnicas mudaram, mas a temática religiosa ainda permanencia viva.



Capítulo 4

As Obras



A arte diz o indizível; exprime
o inexprimível, traduz o intraduzível.

Leonardo da Vinci

Capítulo 4

O artista florentino Leonardo da Vinci concebeu uma iconografia de respeito ao longo da sua vida, a qual resistiu à prova do tempo.

Contudo, é sabido que grande parte dos trabalhos dele infelizmente se perdeu no decorrer dos séculos,[1] enquanto que a autoria de outros não é atestada cem por cento. Quanto mais a mítica em torno do nome de Leonardo crescia, mais os colecionadores de todas as eras queriam possuir uma obra dele. Somando-se esse fator à escassez dos trabalhos e à falta de registros confiáveis, criou-se um problema quanto a distinguir artigos genuinamente produzidos por ele dos falsos. Por sorte, a sobrevivência de um bom contingente de obras que são indubitavelmente da autoria de Leonardo da Vinci tornou-se a principal referência e meio de determinar a autenticidade de outras pinturas.

Por exemplo, há um desenho feito por ele que se encontra na biblioteca da Igreja de Cristo, em Oxford, que é sem sombra de dúvida um estudo preliminar de parte do anjo Gabriel que protagoniza *A Anunciação*, uma pintura que pertence à galeria Uffizi, em Florença, produzida provavelmente entre 1472 e 1475. Obviamente, a existência do esboço autentica a pintura e vice-versa

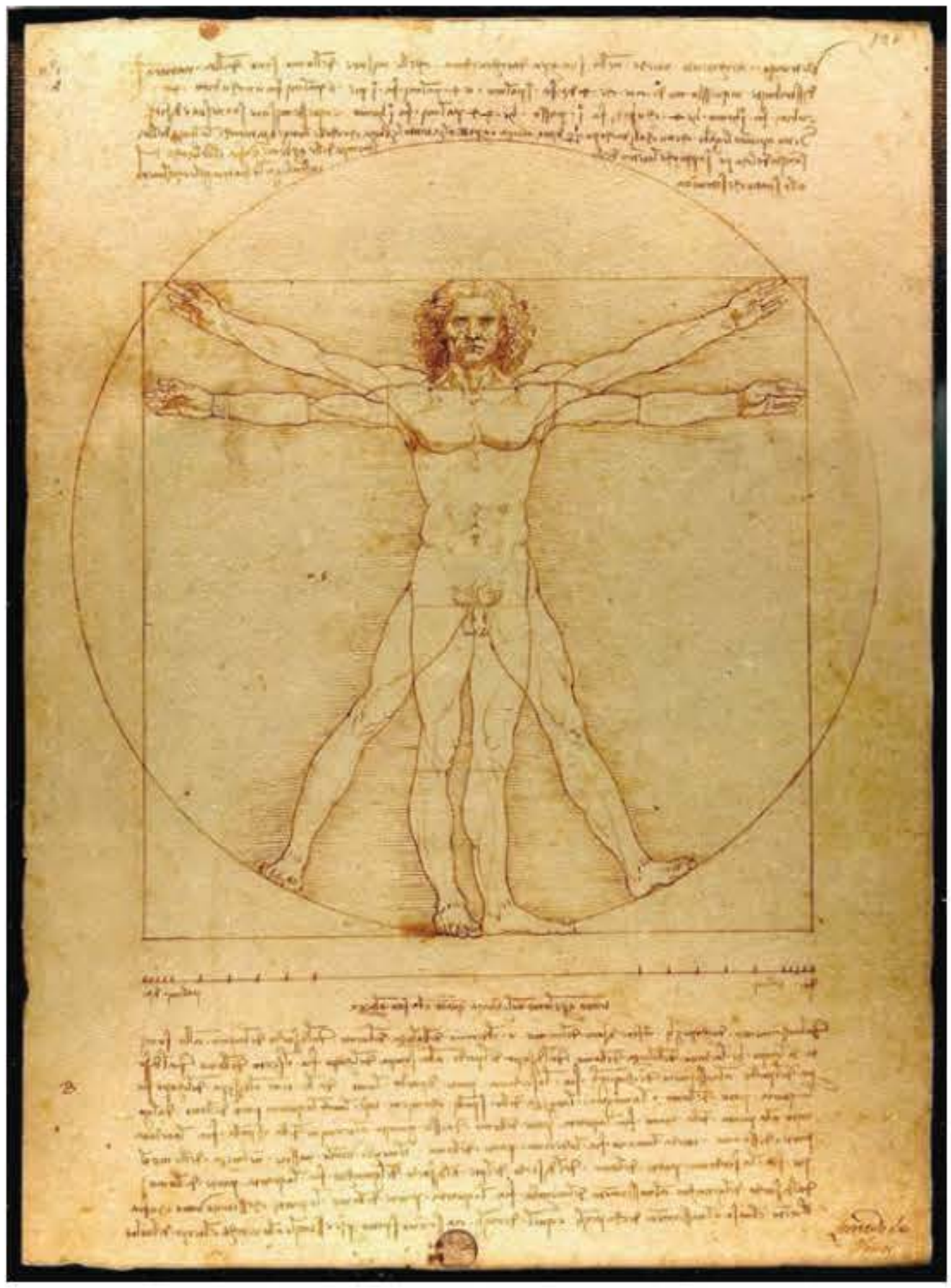
1 Sabe-se da existência de vários trabalhos desaparecidos de Leonardo por conta de outras fontes, que variam desde depoimentos de época de pessoas que foram testemunhas oculares dessas obras, passando por referências feitas a elas por outros pintores e incluindo, em especial, a existência de diversos rascunhos preliminares, encontrados em sua maioria entre as notas deixadas e organizadas pelo artista.

Alguns historiadores costumam dizer que Leonardo, no campo das artes, foi quem iniciou a Segunda Fase do Renascimento (teoria corroborada por esta obra como pode ser visto no Capítulo Dois), da qual participaram Michelangelo e Rafael Sanzio dentre tantos outros. As técnicas inovadoras de aplicação de tinta que ele utilizou, seu conhecimento detalhado de anatomia, luz, botânica e geologia, seu interesse na fisiognomonia (leitura do rosto e leitura corporal) e na maneira com a qual os seres humanos expressam suas emoções, seu uso inovador da forma humana em composições figurativas, e a aplicação da graduação sutil da tonalidade; todas essas qualidades o distinguiram de seus pares, se encarregaram de perpetrar sua lenda e encontram-se reunidas em todas as suas obras mais famosas. Sendo, portanto, tão singular, deveria ser tarefa simples autenticar uma obra deste artista, mas a verdade não é assim tão preto no branco.

Leonardo soma a grandeza do desenho com todos os minuciosos detalhes da natureza, tal como são. A técnica do artista era magnífica e ele era sumamente pródigo em copiar as várias nuances da natureza, tendo inspirado multidões que o seguiram. Raros artistas desenharam tanto e pintaram tão pouco quanto Leonardo, sendo que não mais do que quinze quadros e um afresco chegaram até nós, mas seus desenhos de lugares, paisagens e fenômenos naturais são, de fato, muito numerosos. A seguir, uma lista de algumas das principais e mais conhecidas obras artísticas do genial Leonardo da Vinci.

"Leonardo acreditava na possibilidade de a pintura igualar e superar a natureza por sua capacidade de ir além da matéria, representar fenômenos imateriais como o vento e a bruma, criar um ilusionismo metamórfico que não é mais imitação, mas restituição do real". [2]

[2] BYINGTON, 2009, p. 26



Homem Vitruviano

Dentre todos os desenhos que tratavam da anatomia do ser humanos, este é o mais conhecido, o qual acabou não só se tornando um dos trabalhos mais famosos de Leonardo, como também um símbolo do próprio espírito renascentista.

Datado de 1490, com este desenho que reproduz a anatomia humana, Leonardo pretendia esboçar as proporções e simetrias perfeitas

do corpo humano, algo que foi identificado na Antiguidade Clássica como a *divina proportione,* a chamada proporção áurea [3].

É consenso entre os especialistas que as pesquisas anatômicas de Leonardo, ao lado de Marcantonio della Torre, um celebrado anatomista com quem ele colaborou durante algum tempo, estavam tremendamente à frente de qualquer outro estudo similar feito no período. Na verdade, acredita-se que Leonardo estava prestes a descobrir os princípios da circulação do sangue no organismo, sendo que seu fracasso nessa direção ocorreu tão somente nos seus últimos passos. Seu trabalho como anatomista não foi, contudo, despido de polêmicas, já que ele próprio afirmou nas suas notas ter dissecado mais de 30 cadáveres, muitos dos quais obtidos de formas ilegais.

É interessante notar como os estudos anatômicos do artista correm em paralelo aos estudos que ele fez de pintura, tendo sido desenvolvidos provavelmente de início como uma forma de melhorar a qualidade das suas telas. *O Homem Vitruviano* tornou-se um ícone e uma das imagens mais reconhecidas em todo o mundo. Atualmente ele pode ser visto na moeda italiana de um euro – uma das mais recentes aparições do desenho de Leonardo da Vinci – o que confirma que a popularidade deste símbolo não diminuiu apesar dos anos.

O conceito do Homem Vitruviano foi apresentado na obra *Os dez livros da Arquitetura*, escrita pelo arquiteto romano Marco Vitrúvio Polião [4], do qual a ilustração herdou o nome. Trata-se do único tratado europeu do período greco-romano que sobreviveu até os nossos dias, tendo servido como fonte de inspiração para diversos textos sobre hidráulica, engenharia, arquitetura e urbanismo, desde a época do Renascimento. O desenho se encontra atualmente na Galleria dell'Accademia, localizada em Veneza, na Itália, entretanto, apenas ocasionalmente é exibido para o público.

Curiosidades

Há quem diga que o trabalho de Leonardo foi influenciado pelos estudos do arquiteto Giacomo Andrea de Ferrara, amigo pessoal dele, supostamente especialista no Vitruviano. Outros artistas deram sua versão do Homem Vitruviano, incluindo William Blake (1795) e Heinrich Lautensack (1618).

3 O número de ouro é ainda frequentemente chamado razão de Phidias, (célebre escultor da Grécia Antiga, 430 ac).
4 Foi um arquiteto e engenheiro romano que viveu no século I a.C. e deixou como legado a obra "*De Architectura*" (10 volumes, aprox. 27 a 16 a.C.).

A Virgem dos Rochedos

Também chamada de Madona dos Rochedos, a primeira versão desta obra encontra-se no museu do Louvre em Paris, na França, quadro datado de 1483-1486.

A segunda versão encontra-se desde 1880 na National Gallery, de Londres e é considerada uma cópia da primeira (1495-1508). Trata-se de um conjunto de duas telas de composições praticamente idênticas que foram pintadas, pelo menos em sua maior parte, pelo próprio Leonardo da Vinci.

Primeira versão

Em 1483, Leonardo e dois artistas milaneses, Ambrogio e Evangelista de Predis, foram comissionados para a criação de imagens que seriam utilizadas para adornar a capela da confraternidade da Imaculada Conceição, na igreja de San Francesco Grande, em Milão. As imagens localizadas no Louvre foram comprovadamente vindas da capela em questão, o que atesta sua autenticidade.

Observa-se em A Virgem dos Rochedos que a Virgem domina o centro do quadro, chamando a atenção para si. A posição dela é reforçada pela principal massa rochosa que aparece de fundo e, como se fosse uma coluna natural, realça o centro e a profundidade da composição. A escuridão da superfície da pedra enfatiza, por contraste, o fulgor radiante da Virgem. A sua esquerda o Anjo e a sua direita o pequeno São João, com as feições salientadas por raios de luz, ampliam a pirâmide e enriquecem-na com fortes acentos de cor. Cada cor reverbera no fundo em milhares de tonalidades mais suaves. O menino banhado de luz divina, com a mão e o perfil erguidos no ato de abençoar, é o verdadeiro pivô da composição. Sentado perpendicularmente ao afloramento rochoso que esta por trás da Virgem, rouba-lhe o centro da cena. A mão esquerda em que se apoia é o foco de um feixe de luz que tremula nas perninhas delicadas e guia-nos o olhar até a sua cabeça e as mãos do anjo e de Maria. Cada elemento aponta para a posição particular na cena. Mas se deixarmos nossos olhos vagarem livremente pela superfície pintada, detalhe após detalhe exigirá nossa atenção. [5]

[5] História da Universidade de Cambrige, Letts Rosa Maria, O RENASCIMENTO, 1982.

Como disse Giorgio Vasari, pintor e biógrafo de Leonardo, "a arte, esse novo termo que agora significava criação, engenho e licença poética do artista, acrescentou uma nova dimensão à minuciosa observação científica da natureza. A combinação das duas é a arte renascentista em seu apogeu".

Segunda versão

Durante anos, os historiadores de arte e estudiosos do trabalho do artista concordaram em dizer que a segunda versão provavelmente não fora totalmente pintada por Leonardo, em especial pelo fato de a sua história antes de 1625 ser completamente desconhecida. Acreditava-se que ela havia sido feita pelo pintor com o auxílio de seus discípulos, e vários críticos afirmavam categoricamente que o próprio da Vinci não tinha dado sequer uma única pincelada na peça. O fato era que as diferenças entre ambos os quadros eram visíveis, mesmo para o olho não treinado.

Por exemplo, no segundo quadro, o Menino Jesus segura uma cruz; os quatro personagens possuem auréolas; o anjo não está apontando para o Menino como no primeiro quadro, e ele parece ter algo que lembra asas. O cenário do segundo quadro é mais claro, embora o chão seja mais escuro e com menos detalhes. Além disso, no segundo quadro as figuras são ligeiramente maiores e possuem um tom plástico entre claro-escuro e não apresentam a técnica do *sfumato*, a qual tornou Leonardo famoso.

"Leonardo acreditava na possibilidade de a pintura igualar e superar a natureza por sua capacidade de ir além da matéria, representar fenômenos imateriais como o vento e a bruma, criar um ilusionismo metamórfico que não é mais imitação, mas restituição do real". [6]

6 BYINGTON, 2009, p. 26

Detalhes escondidos...

No século 21, uma enorme empreitada que tinha por objetivo restaurar a segunda versão de *A Virgem dos Rochedos* (ou *Virgem das Rochas* como também é chamada) foi iniciada, fazendo uso das mais modernas tecnologias de restauração. O ambicioso projeto teve a duração de 18 meses e envolveu um grande número de profissionais, mas foi o resultado final que mais chamou a atenção de todos.

A restauração revelou que o artista renascentista Leonardo da Vinci provavelmente pintara a tela inteira ele próprio, e não, como se pensava anteriormente, com a ajuda de seus assistentes. A constatação foi feita pela própria equipe de conservação da *National Gallery*, de Londres, onde a obra voltou a ser exposta após o hiato para a restauração em 13 de setembro de 2010.

De acordo com a galeria, o trabalho de conservação e o estudo dos materiais e técnicas empregados coadunam com o que era tradicionalmente utilizado pelo artista, isso sem contar que partes diferentes da tela alcançaram graus diferentes de completude. A mão do anjo, por exemplo, mal chegou a ser esboçada, tendo sido pintada diretamente, enquanto que o esboço da cabeça das figuras principais aparenta ter sido completado por inteiro.

No passado, os curadores da galeria, assim como muitos outros estudiosos da pintura Renascentista, explicaram os níveis diferentes de acabamento e resolução na tela, argumentando que Leonardo fora auxiliado pelos assistentes, mas por meio desses novos estudos, hoje parece claro que o artista pintou a tela inteira sozinho, tendo deixado algumas partes apenas esboçadas ou sem serem inteiramente acabadas, enquanto outras foram trabalhadas completamente.

A tela está exposta em uma nova moldura que incorpora parte de uma moldura italiana do final do século XV comprada pela galeria especialmente para enriquecer ainda mais a obra [7].

[7] Restauração de tela de Da Vinci traz à tona detalhes escondidos. UOL Entretenimento (14 de julho de 2010).

National Gallery, em Londres.

Curiosidades

A técnica do *sfumato* permite criar diferentes gradientes de tonalidade, o que ajuda a produzir o efeito de luz e sombra sobre as imagens. Essa técnica visa esconder e corrigir pequenas imperfeições deixadas pelas pinceladas ou riscos, sendo usada tanto em pinturas, quanto em desenhos. Em várias de suas obras Leonardo aprimorou o uso da técnica que, dentre todos os seus trabalhos, é mais visível no quadro da *Mona Lisa*.

Giorgio Barbarelli da Castelfranco (Giorgione) [8], foi o primeiro artista a apreender as possibilidades da técnica do *sfumato* de Leonardo e assimilá-la em seus quadros.

[8] Pintor do Renascimento na Itália (Veneza 1477 — fins de 1510), Giorgione foi para a pintura de Veneza o que Leonardo fora para Florença vinte anos antes.

A Adoração dos Magos

A primeira grande oportunidade de Leonardo como artista aconteceu quando os monges agostinianos de San Donato de Scopeto, um monastério perto de Florença, o contrataram para pintar a Adoração dos Magos, em março de 1481, a famosa passagem bíblica em que os três reis magos reverenciam o nascimento do menino Jesus.

O acordo inicial era de que o considerável trabalho, que mede 246 cm x 243 cm, precisasse ser terminado em um prazo de trinta meses (dois anos e meio) ou o artista teria de abrir mão do pagamento. Essa era, supostamente, uma forma de os monges assegurarem a conclusão da empreitada. Na verdade, no que tange ao pagamento, o contrato inteiro era muito complicado.

Os monges ofereceram a remuneração pelo trabalho na forma de um terço de terras que eles tinham recebido como doação. Contudo, uma das cláusulas dizia que a propriedade não poderia ser vendida pelo prazo de três anos após a entrega do trabalho, senão ela seria devolvida para os monges pelo preço de 300 florins. Além da terra, Leonardo recebeu 150 florins para despesas (materiais, alimentação, etc.), que ele deveria pagar de volta em parcelas, o que ele nunca fez. Na verdade, depois de já ter recebido o dinheiro, tendo provavelmente gasto tudo, Leonardo tornou a solicitar que os monges lhe dessem mais 28 florins para despesas gerais, ou do contrário ele não teria condições de prosseguir com o trabalho. Desnecessário dizer o mau estar que tudo isso causou.

O contrato também trazia uma cláusula que dizia que, caso o trabalho não fosse entregue no prazo estipulado, o artista perderia tudo que lhe fora entregue, ou seja, supostamente ele perderia as terras e ainda ficaria em débito com os monges. Estes, sabendo dos notórios problemas de abandono do volátil artista que, empolgado com um trabalho novo, sempre dedicava meses de afinco à composição e determinação do conteúdo, mas que acabava perdendo o interesse e deixando-o de lado, tentaram se precaver ao máximo. Eles acreditavam que a cláusula era uma forma de mantê-lo preso às suas obrigações. Não funcionou e, em 1483 o artista abandonou a produção de *A Adoração dos Magos*.

Mesmo incompleta, trata-se da primeira grande pintura de Leonardo da Vinci, feita entre 1481 e 1482, em óleo sobre madeira, num momento da sua carreira em que ele se afastava da influência do seu mestre, Verrocchio, e começava a adquirir a própria identidade.

Na imagem, vemos diversos homens e mulheres não identificados em somatória aos três magos, adorando o menino Jesus no colo da Virgem Maria. Há importantes elementos de fundo que tornam a composição soberba, como a presença da árvore da vida, as ruínas do castelo do rei Davi e cavaleiros montados a cavalo que representam o advento do cristianismo e

o declínio do paganismo [9].

Muitos esboços feitos em preparação para a *Adoração dos Magos* sobreviveram até os dias de hoje e revelam a fúria frenética com que Leonardo da Vinci se organizou para a execução deste trabalho – talvez acima de qualquer outro de sua carreira. Em verdae, existem mais esboços relacionados a esta pintura do que a qualquer outra de autoria atribuída a ele. Os esboços revelam como Leonardo era detalhista e exigente em termos de composição de cenas, sendo que o posicionamento das pessoas altera-se de esboço para esboço, e até mesmo o dos cavaleiros, que se encontram distantes e num último plano. Isso mostra o quanto de elucubração ele dedicava a uma única pintura, sempre em busca do resultado mais perfeito – o que entra em choque direto com a inabilidade dele de completar suas telas. É quase como se ele não se considerasse capaz de fechar um trabalho; encerrar a pintura significa que ela está concluída, não pode mais ser mexida e, por conseguinte, não pode mais ser melhorada. Leonardo passava anos trabalhando nas telas até perder o interesse ou até que as circunstâncias de sua vida o obrigassem a abandoná-las. Com *A Adoração dos Magos* não foi diferente.

O estudo de perspectiva feito pelo artista é, em particular, de muitas formas, mais audacioso e selvagem do que o próprio trabalho concluído. É possível ver pessoas nuas se arrastando pelo chão, um guerreiro em um plano de fundo com um machado na mão prestes a derrubar uma coluna, e a estranha presença de um camelo, calmo e sereno em toda a balbúrdia. Não se sabe o que o artista pretendia com a inserção de um animal que era tão alienígena à sua realidade e nem mesmo onde ele teve oportunidade de ver um exemplar, sendo a melhor hipótese o zoológico de Florença. De qualquer modo, todos esses elementos foram suprimidos da versão final.

A Adoração dos Magos faz parte desde 1670 do acervo da Galeria degli Uffizi [10], localizada em Florença, na Itália, uma edificação encomendada pelo duque Cosmo I de Médici [11] para o famoso arquiteto Giorgio Vasari, em 1560.

9 O tema do declínio do paganismo também está presente da mesma forma na obra Doni Tondo, de Michelangelo.

10 É um palácio situado em Florença, Itália, que abriga um dos mais famosos museus do mundo.

11 Foi um banqueiro e político do século XV, fundador da dinastia política dos Médici, tendo sido governante de Florença de 1429 a 1464.

A Última Ceia

Em 1495, o duque Ludovico Sforza encomendou para Leonardo o afresco A Última Ceia, que fora pintado na parede do refeitório da Capela Santa Maria delle Grazie[12], em Milão, local onde foi sepultada sua família.

O mural apresenta as generosas dimensões de 460 cm × 880 cm e, embora não se saiba exatamente quando fora iniciado, foi finalizado em 1497. Entretanto, se as observações de Vasari estão corretas, Leonardo da Vinci nunca concluiu de fato seu afresco, tendo-o deixado inacabado. *A Última Ceia* encontra-se até os dias de hoje no mesmo lugar onde originalmente foi criada, mas sua história é bastante conturbada.

12 Trata-se de uma igreja e convento dominicano localizada em Milão, norte da Itália, incluída na lista dos Patrimônios Mundiais pela UNESCO. (UNESCO (1980).

Maus tratos

Infelizmente, o tempo não foi gentil com esta obra que foi tão marcante e representativa para a carreira do pintor, de modo que atualmente ela se encontra em mau estado de conservação. Isso se deve a todo um conjunto de fatores que, ao longo dos séculos, contribuiu para danificá-la pouco a pouco, a começar pelas tintas que Leonardo utilizou na confecção da obra, as quais não eram adequadas para uma pintura em parede. Assim, a erosão foi inevitável, de modo que obra tornou-se ainda mais vulnerável às intempéries. Já em 1517, a pintura apresentava sinais de decadência e foi descrita por Vasari, em 1566, como "apenas uma massa de borrões".

Mas não foi somente o tempo e o desgaste natural que contribuíram para as más condições do afresco; a estupidez das pessoas também desempenhou seu papel. Por exemplo, em 1652, uma porta foi aberta bem no centro da pintura, causando danos que são percebidos até hoje. Outras agressões desempenharam seu papel, sendo a mais notória quando as tropas de Napoleão Bonaparte[13] tomaram a Capela de Santa Maria e fizeram do refeitório seu estábulo, em 1796. Em 1800, foi a vez de uma arrasadora enchente fazer com que a pintura ficasse coberta por uma camada de mofo verde.

Muito mal recuperada, em 1943, em meio a Segunda Guerra Mundial, foi por pouco que a pintura resistiu aos bombardeios alemães, que chegaram a destruir o telhado do refeitório. Para evitar que a obra sofresse danos, ela foi protegida por uma camada de sacos de areia, mas ainda assim, ficou bastante danificada. Após o término da Guerra, uma restauração cuidadosa foi realizada, a qual acabou concluída em 1954, mas é sabido que atualmente resta pouquíssimo da tinta original utilizada por Leonardo, isso sem contar que as expressões faciais originais dos Apóstolos foram impossíveis de serem recriadas. Sem dúvida uma perda lastimável. Entre 1978 e 1999, *A Última Ceia* sofreu nova rodada de recuperação, desta vez por meio de métodos científicos mais avançados, mas mesmo assim o resultado final foi alvo de duras críticas[14].

A pintura

Leonardo mostrou nesta obra um notável domínio de perspectiva,

13 Napoleão Bonaparte foi um líder político e militar durante os últimos estágios da Revolução Francesa. Adotando o nome de Napoleão I, foi imperador da França de 18 de maio de 1804 a 6 de abril de 1814.

14 Louvre acusado de danificar quadro de Leonardo da Vinci durante o restauro, Cláudia Carvalho, 29/12/2011.

proporção e contraste. Por exemplo, é simplesmente brilhante a forma com que as três janelas no fundo da sala, pelo posicionamento e tonalidade, levam o espectador instintivamente a focar a imagem de Cristo – a figura principal da imagem – que se encontra sentado ao centro da mesa, na companhia dos seus doze Apóstolos. É possível perceber que nesta composição, o artista teve o cuidado de deixar de lado os elementos fantásticos típicos de seus trabalhos e também de reduzir ao mínimo os elementos secundários, de forma a manter a atenção integral ao drama central. Não existe um único elemento "a mais" nesta imagem. Ela é o exemplo ideal da mais perfeita composição de uma pintura; tudo se encaixa com harmonia ímpar.

É possível compreender esta pintura de Leonardo não só como a primeira grande manifestação da Alta Renascença, mas também como nada mais, nada menos, a representação definitiva que padronizou todo o tema predominante do período. Há quem diga que, se toda a Alta Renascença pudesse ser resumida em apenas uma única imagem, ela seria *A Última Ceia*.

Cristo aparece num estado de calmaria, uma verdadeira ilha de tranquilidade em meio aos seus apóstolos que são apresentados num total estado de agitação. Isso ocorre porque a intenção de Leonardo foi retratar o preciso instante em que Jesus conta aos seus discípulos que um deles o trairia. Sendo assim, Cristo é mostrado em um contemplativo e quase melancólico silêncio, logo após a bombástica revelação, enquanto todos os demais questionam uns aos outros e se acusam mutuamente, tentando determinar quem é o traidor. A pintura é baseada diretamente na passagem da Bíblia *João 13:21*, em que Jesus faz o trágico anúncio:

> Depois de dizer isso, Jesus perturbou-se em espírito e declarou abertamente: "Em verdade, em verdade vos digo que um de vocês me trairá".

Por conta do tema abordado, esta pintura é considerada a mais dramática de todas produzidas por Leonardo da Vinci. Centralizado, Jesus Cristo é retratado de braços abertos, numa postura clara de resignação, formando o eixo central da composição. Todas as figuras dos apóstolos aparecem perfeitamente combinadas, encadeadas numa sequência complementar e contínua, como elos de uma corrente, constituindo uma composição cuja perspectiva, do ponto de vista técnico, é simplesmente perfeita.

> "É como se a serenidade desse cômodo, de clássica arquitetura e proporção, se visse perturbada de forma imprevista, e em meio aos presentes pairasse a consequência de uma tragédia que teria lugar dentro em pouco. Na pintura, Judas está sentado na mesma parte da mesa que Jesus Cristo e os apóstolos". [15]

Curiosidade

Leonardo também pintou o retrato de *Il Moro* e de sua família na parede que ficava de frente para *A Última Ceia*.

Dizem que durante o longo período de realização de *A Última Ceia*, Leonardo passou muito tempo em busca de rostos cuja fisionomia se enquadrasse à visão que ele tinha da obra. Seus modelos foram sendo determinados pouco a pouco e os cadernos de notas do artista encontram-se repletos de estudos de rostos e de expressões, sendo que o mais difícil de conseguir foi o rosto de Judas, o apóstolo traidor.

15 COLEÇÃO GÊNIOS DA ARTE, 2007, p. 52

A Virgem e o Menino com Santa Ana

A Virgem e o Menino com Santa Ana é um dos trabalhos mais famosos de Leonardo por ter sido um dos seus mais extensos e por ser, ao lado de A Adoração dos Magos, a obra cujo maior número de estudos, esboços e trabalhos preliminares sobreviveram até os dias de hoje. Por meio deles, é possível determinar com grande precisão a diligência que o artista devotava a cada um de seus projetos. De acordo com Vincent Delieuvin, curador do Louvre, em entrevista concedida à AFP (Agence France-Press):

> A Santa Ana é o quadro que Leonardo da Vinci passou mais tempo refletindo. Trabalhou nele durante vinte anos e, acima de tudo, é o único trabalho de sua carreira onde realmente podemos retraçar todas as etapas de criação. É graças a essa pintura que podemos entrar completamente no espírito de Leonardo e seu processo criativo, e descobrir como trabalhava o maior gênio da Renascença italiana.[16]

Leonardo supostamente recebeu a encomenda de *A Virgem e o Menino com Santa Ana* em 1503, quando ainda estava em Florença. A proposta previa criar um painel para o altar-mor da Santíssima Annun-

16 Retirado do endereço eletrônico www.youtube.com/watch?v=4bLw9JsRnyQ.

ziata[17]

Posteriormente, Leonardo retornou a Milão, em 1506, tendo visitado Florença esporadicamente no ano seguinte e depois novamente em 1511 para resolver questões de sua herança paterna. Durante todo esse período, ele nunca deixou de trabalhar no quadro; uma pequena peça de 168 cm x 112 cm, feita em óleo sobre madeira. Acredita-se que, dado o afinco que dedicou à obra, ela possivelmente era a predileta do artista e sempre que exposta, costuma provocar grandes efeitos e repercutir positivamente junto ao público.

Em 1517, há registros de que Leonardo tenha mostrado três pinturas suas para o cardeal de Aragon, na França – sendo provavelmente uma delas *A Virgem e o Menino com Santa Ana*. Mas, de algum modo, o quadro voltou a Milão e durante um tempo perdeu-se o rastro de sua existência. Ele foi encontrado anos depois na Itália, pelo Cardeal Richelieu (Armand Jean du Plessis)[18], em 1630. Acredita-se que o pintor nunca tenha deixado de trabalhar na obra, e fez retoques nela até sua morte. Atualmente, *A Virgem e o Menino com Santa Ana* se encontra no Museu do Louvre, em Paris, sendo que existe outra versão do quadro, na Academia Real de Artes, de Londres. Em 2009, a direção do Louvre decidiu restaurar a obra por conta do desgaste sofrido, sendo que os trabalhos começaram em junho de 2010. Ao término do processo, duras críticas à restauração foram feitas e uma grande polêmica foi instaurada, o que resultou na demissão de dois especialistas em restaurações do museu.

Curiosidade

O quadro de Leonardo denominado *A Virgem e o Menino com Santa Ana* foi a obra em que Freud observou uma síntese da história da infância do artista. A imagem mostra a Virgem Maria sentada no colo de sua mãe, Santa Ana, com os braços estendidos em direção ao Menino Jesus que brinca com um cordeiro. Na interpretação dada por Leonardo, Santa Ana, mesmo na condição de avó, aparenta ser ainda jovem, bela, e cheia de vitalidade, talvez apenas ligeiramente mais velha do que Maria. De acordo com a visão de Freud, Leonardo fez isso de forma a dar ao Menino Jesus duas mães, tal como aconteceu de fato na vida do próprio artista que, grosso modo, teve realmente duas mães: Caterina, a sua mãe verdadeira, que foi quem o criou até os quatro anos, e Donna Albiera, esposa de seu pai e madrasta, e com quem também teve uma relação de afeto[19].

17 Em Italiano chamada de Basilica della Santissima Annunziata, uma basílica católica localizada em Florença, na Itália, que é a catedral da Ordem dos Servitas (uma ordem religiosa mendicante de frades dedicados a uma devoção particular à Nossa Senhora das Dores).

18 Cardeal Richelieu foi um político francês, que foi primeiro-ministro do rei Luis XIII, entre 1628 e 1642. Richelieu ficou mundialmente famoso ao ter sido utilizado, décadas depois da sua morte, como o vilão do romance Os três mosqueteiros, de Alexandre Dumas, possivelmente a maior obra da literatura francesa.

19 Adaptado do texto LEONARDO DA VINCI: FANTASMA, ARTE E SUBLIMAÇÃO, de Beatriz Elisa Ferro Siqueira, Psicanalista, membro da Escola Letra Freudiana.

A Virgem, o Menino, Santa Ana e São João Batista

Este desenho de Leonardo feito a carvão de lenha e giz preto e branco, sobre oito folhas de papel coladas foi encontrado em um dos muitos diários do artista, nos quais ele fazia suas diversas anotações. Com sua produção datada em algum momento entre 1499 e 1500, a obra, cujas dimensões são de 1,42 m x 1,05 m, encontra-se atualmente exposta na Galeria Nacional de Londres [20].

Giorgio Vasari, com sua habitual prosa mítica em torno da figura de Le-

[20] A Galeria Nacional de Londres – ou, no original, National Gallery – foi fundada em 1824, e é considerado um dos museus mais importantes da Europa, além de ser um dos mais conhecidos do mundo. Trata-se de um museu público e aberto, e as visitas ao acervo permanente são gratuitas.

onardo, foi o primeiro a citar a data de produção do desenho, situando-a na época em que o artista estava em Florença. Contudo, Vasari afirma que durante dois dias houve um fluxo constante de pessoas visitando o monastério onde Leonardo estava hospedado como convidado, apenas para ver a ilustração acabada – o que é altamente improvável. Entretanto, o padre Sebastiano Resta, em carta a Giovanni Pietro Bellori, conta que Leonardo criou a ilustração em 1498-99, durante o período em que esteve em Milão, o que levanta grande dúvida quanto ao período e local em que a obra foi gestada. Como Leonardo não datava grande parte dos seus trabalhos (nem suas anotações) a determinação exata da data em que *A Virgem, o Menino, Santa Ana e São João Batista* foi produzida permanece um mistério, sendo que outras versões cuja credibilidade é inferior, afirmam que a imagem foi feita ainda antes, no início dos 1490.

Curiosidade

"Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna".
João 6, 68

João Batista é um dos mais conhecidos pregadores judeus do início do século I, por conta da sua relação com Jesus Cristo. Considerado *persona non grata* pelos romanos por suas constantes incitações políticas, João acabou sendo preso e executado a mando do rei Herodes Antipas, supostamente por influência de Salomé. João foi responsável pelo batismo de muitos judeus às margens do rio Jordão, inclusive o de Jesus em uma das passagens mais conhecidas do Novo Testamento. Foi ele quem introduziu o batismo de gentios nos rituais de conversão judaicos, que mais tarde foram adaptados pelo cristianismo. Citado pelo historiador Flávio Josefo[21] e pelos autores dos quatro Evangelhos da Bíblia, no *Evangelho de São Lucas*, João Batista era filho do sacerdote Zacarias e de Isabel, prima de Maria, mãe de Jesus. Foi um profeta bíblico e é considerado, principalmente pelos cristãos ortodoxos, como o "precursor" do Messias prometido por Deus, Jesus Cristo.

[21] Flávio Josefo, também conhecido pelo seu nome latino, Flavius Josephus (no hebraico Yosef ben Mattityahu), foi um historiador e apologista judaico-romano, descendente de uma linhagem de importantes sacerdotes e reis, que registrou a destruição de Jerusalém, em 70 d.C.

A Batalha de Anghiari

A Batalha de Anghiari é uma das obras de Leonardo cuja história é mais fascinante. A exemplo de outros trabalhos do artista, ela foi produzida ao longo de um extenso período e tratava-se da maior pintura já realizada por ele (o quadro concluído deveria ter o triplo do tamanho de *A Última Santa Ceia.*

Em 1503, o artista foi comissionado para pintar este afresco descomunal na Sala del Gran Consiglio, um salão nobre dentro do Palazzo Vecchio, em Florença. O tema, a supracitada batalha, foi um confronto ocorrido em 1440 que culminou na vitória das forças de Florença e do Papa sobre os milaneses. De acordo com registros, uma pintura complementar deveria ter sido feita por Michelangelo, compreendendo a batalha de Cascina, mas nenhuma das duas foi além dos estágios preliminares.

Batalha de Marciano no Val di Chiana

Leonardo começou a produção na primavera de 1504, criando diversos esboços que mostravam a composição da obra e, em abril de 1505, deu princípio à pintura propriamente dita. Ele chegou a produzir um terço da imagem, antes de abandoná-la em algum momento do ano seguinte. Sabe-se que durante décadas, ela foi apreciada e citada por grandes artistas, como Rafael – que a utilizou como referência –, Peter Paul Rubens que fez uma cópia do original em 1603, e por outros, que estudavam a obra inacabada e os diversos esboços utilizados na confecção dela. Contudo, em algum momento posterior não registrado, a pintura simplesmente desapareceu sem deixar registros.

Em estudos posteriores, os especialistas passaram a acreditar que o afresco fora destruído ou, pior, que a mando do próprio Vasari, em meados do século 16, havia sido recoberto pela *Batalha de Marciano no Val di Chiana*, uma imagem que mostrava uma vitória da família Médici, então de volta ao poder.

Com o passar dos anos, a pintura de Leonardo foi considerada irremediavelmente perdida, até que o italiano Maurizio Seracini, especialista em análise de obras de arte, levantou uma suspeita de uma inscrição que há na pintura de Vasari, a frase *Cerca trova* (Quem procura, encontrará). Contra todas as possibilidades, Seracini julgou que aquela poderia ser uma pista deixada por Vasari sobre a verdadeira natureza do seu afresco, já que seria altamente improvável que este destruísse tão levianamente o trabalho de um homem que ele admirava tanto. Assim, utilizando tecnologia de ponta, Seracini estudou a estrutura do salão e fez a incrível descoberta que Vasari tinha, de fato, construído uma "parede-cortina" na frente da parede original e sobre esta, pintara seu afresco. Ou seja, a pintura de Leonardo provavelmente se encontrava atrás da dele – o que foi confirmado por exames feitos em 2012, que demonstraram que a composição química do material de pintura utilizado na parede atrás da *Batalha de Marciano no Val di Chiana* corresponde a materiais similares aos utilizados por Leonardo. Infelizmente, como era de se esperar, o estudo da "parede-cortina" foi congelado devido a conflitos de interesses entre diversas partes e, até a data de publicação deste livro, não se sabe se *A Batalha de Anghiari* se encontra realmente oculta atrás do afresco de Vasari.

Monalisa

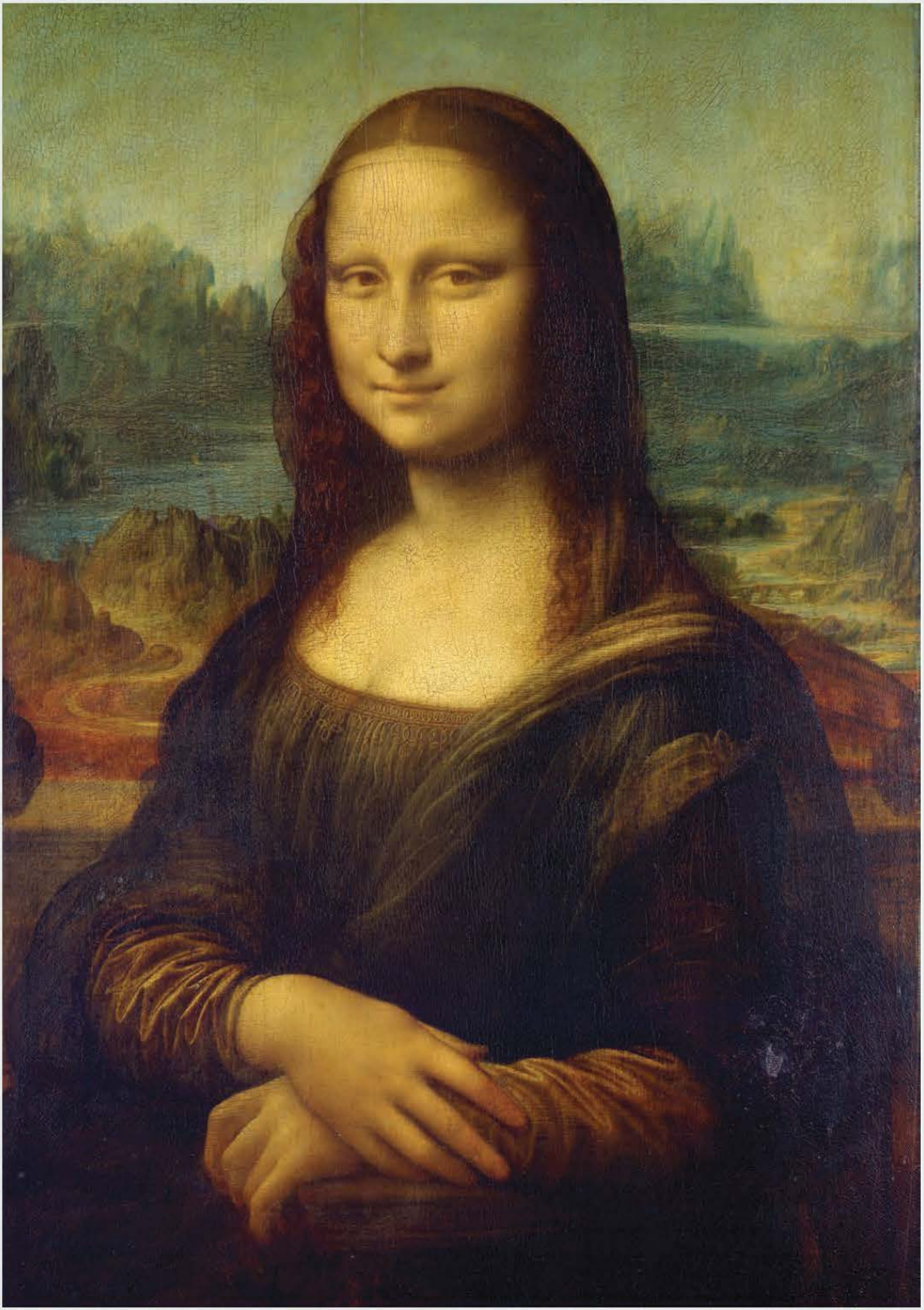
A mais nobre paixão humana é aquela que ama a imagem da beleza em vez da realidade material. O maior prazer está na contemplação.

Leonardo da Vinci

A história da *Mona Lisa*, provavelmente o retrato mais famoso de todo o mundo (e sem dúvida um símbolo global), é envolta numa capa de mistério. Entre os aspectos que permanecem pouco claros estão a identidade exata de quem encomendou o retrato, quanto tempo Leonardo trabalhou na pintura, quanto tempo ela ficou na posse dele e como ela foi parar na coleção real francesa.

O retrato pode ter sido pintado para marcar um dos seguintes eventos: quando Francesco del Giocondo e sua esposa compraram a própria casa, em 1503, ou quando do momento do nascimento do seu segundo filho, Andrea, em dezembro de 1502 (após a morte de uma filha em 1499). Alguns especialistas acreditam que o delicado véu escuro que cobre o cabelo da Mona Lisa é um véu de luto, mas, na verdade, na época de Leonardo, véus daquele tipo eram comumente utilizados pelas mulheres da sociedade como uma espécie de marca da virtude.

A despeito do véu, a roupa que a modelo veste é convencional. Em verdade, nada na vestimenta indica sinal de amplo status social – as mangas amarelas do vestido plissado e o cachecol drapeado caído sobre os ombros são bastante comuns. Em uma descrição citada no próprio Museu do Louvre, inaugurado em 1793, em Paris, aquele supostamente era o retrato de Lisa Gherardini, esposa de Francesco del Giocondo, que fora adquirido por Francisco I em 1518. Independente das suas qualidades excepcionais, a *Mona Lisa* – também conhecida como *La Gioconda*, só começou a ganhar a fama mundial da qual goza hoje fora da comunidade artística principalmente a partir do século XX, quando a tela começou a viver uma série de "desventuras", que incluem o seu notório rou-



bo (1911–14), o descabido ácido atirado na borda inferior da pintura (1956), e a série de viagens que a popularizou sobremaneira, em especial para os Estados Unidos (1963), e depois para Moscou e Tóquio (1974). De fato, o poderoso vidro triplo que protege a pintura até hoje foi presente dos japoneses para os franceses, sendo que a visita da pintura ao Japão foi a última vez em que a *Mona Lisa* deixou a França. Um acordo internacional garante que ela jamais torne a fazê-lo, de modo que seja mantida definitivamente dentro do Louvre, onde um esquema de segurança impressionante garante a integridade da pintura contra todo tipo de dano, roubo ou ataque.

A identidade da modelo, em que pese as versões mais aceitas, deu origem às sugestões mais estranhas e bizarras, que vão longe o bastante para aferir que quem posou para o artista era, na verdade, um homem. Deixando de lado o sensacionalismo e se atendo ao que é mais concreto, trata-se de um retrato iniciado provavelmente em Florença, no qual Leonardo trabalhou entre 1503 e 1507, cuja modelo era, mesmo, a senhora Monna Lisa Gherardini del Giocondo

Uma nova fórmula artística

A Mona Lisa é o primeiro retrato italiano a focalizar tão intimamente a modelo em um retrato de meio comprimento (que compreende apenas a parte superior do corpo). Na opção de Leonardo, a pintura engloba os braços e as mãos da modelo; a figura é mostrada da cabeça até a cintura, sentada numa cadeira, sobre a qual descansa os braços, um cruzado por cima do outro (o braço esquerdo sobre o braço da cadeira, com o direito por cima), numa postura relaxada e à vontade. Muito foi escrito sobre o significado oculto da pose da Mona Lisa, em sua maior parte, um amontoado de besteiras.

A modelo encontra-se posicionada na frente de uma paisagem montanhosa, cujas curvas sinuosas encontram perfeita harmonia com as próprias curvas do corpo e do vestido dela. Leonardo usou um design piramidal para posicioná-la dentro da pintura. Há certos aspectos do trabalho, como a vista de três quartos da figura contra uma paisagem, a configuração arquitetônica e as mãos unidas em primeiro plano, que já existiam anteriormente em retratos datados da segunda metade do século XV, com destaque para as obras de Hans Memling, contudo, o que salta aos olhos no trabalho de Leonardo e o difere dos demais, é sua coerência

espacial, o ilusionismo atmosférico, a monumentalidade e o equilíbrio em sua composição. Em verdade, é possível afirmar que dentre as obras que sobreviveram do pintor e mesmo das que se têm apenas informações, os aspectos citados acima também eram novidade para ele próprio, já que nenhum de seus retratos anteriores demonstrava tamanha majestade.

O primeiro registro escrito da obra aparece no diário de Antonio de'Beatis, que afirma tê-la visto durante uma visita que fez a Leonardo em 10 de outubro de 1517. A trajetória da Mona Lisa é tumultuada. Ela vagou de mão em mão, mas, curiosamente, é quase consenso entre os especialistas que ela jamais tenha pertencido a pessoa que a comissionou.

Um sorriso emblemático

Um dos detalhes mais comentados é a expressão facial da mulher na pintura, cujos olhos parecem "seguir" o espectador, sempre encarando-o não importando em que posição esteja, e o sorriso, delineado pela famosa técnica do *sfumato* de Leonardo e que muitos acreditam ser uma expressão de malícia e/ou cinismo, enquanto os adeptos a teorias da conspiração juram que o sorriso esconde um segredo. Já foi apontado que a modelo poderia sofrer de bruxismo ou que o sorriso era uma referência a própria mãe de Leonardo, Caterina.

Na verdade, no ensaio *Sobre a Beleza Perfeita da Mulher*, datado do século XVI, o escritor Firenzuola, explica que a posição dos lábios da Mona Lisa, ou seja, a ligeira abertura nos cantos da boca, era considerada na época um sinal de elegância – o que desmistifica qualquer interpretação quanto a expressão facial da modelo.

Contudo, a importância do sorriso da Mona Lisa cresceu quase tanto quanto a importância da própria pintura em si, e se confunde até mesmo com seu título, atribuindo-lhe o significado definitivo: "gioconda" é um adjetivo que significa "alegre, jucundo, prazeiroso", o que garante tão somente um caráter descritivo à imagem.

Se por um lado este é um dos maiores retratos do período, por outro não deixa de ser irônico que ele não pertença a alguma rica burguesa ou integrante da realeza, tendo sublevado todos os do gênero. Não se trata de uma imagem de ostentação, cheia de jóias e riquezas, muito embora a pose e trajes da modelo, em somatória à ausência de cílios e de sombrancelhas, estejam de acordo com a moda da época. A *Mona*

A impressionante fachada do Louvre, casa da Mona Lisa.

Lisa é, acima de tudo, um retrato idealista, que possivelmente reflete o interesse do Renascimento na teoria platônica. Giorgio Vasari, em sua breve biografia sobre Leonardo, comentou que o sorriso da *Mona Lisa* é "mais divino do que humano", o que significa dizer que Leonardo pensava que a arte poderia retratar uma perfeição irreal.

Dados curiosos

Uma cópia da Mona Lisa original, feita por um dos alunos de Leonardo, foi descoberta e encontra-se em exibição no Museu do Prado, em Madri, na Espanha. Esta obra foi encontrada nos porões do Museu e passou por um cuidadoso restauro realizado por especialistas. A descoberta elucidou diversas questões sobre o quadro de Leonardo. Vincent Delieuvin, curador do Louvre, explicou: "Nós descobrimos toda a perspectiva do cenário. Na *Mona Lisa* original, nós pensávamos que a perspectiva estava desalinhada, que não tinha estrutura. Que o ponto de fuga à direita era mais alto que o da esquerda. E por meio da réplica da *Mona Lisa*, nós descobrimos que na nossa própria peça original, há uma linha de perspectiva contínua"[22]. Segundo o jornal *El País*, é possível que o tal aluno autor da obra possa ter sido Andrea Salai (que supostamente foi um dos amantes de Leonardo) ou então Francesco Melzi.

A *Mona Lisa* é considerado um dos quadros mais célebres do mundo pela sua composição, sensibilidade e mistério. O artista iniciou a obra em 1503 e a pintura foi realizada em óleo sobre madeira de álamo[23], com dimensões de 77 cm x 53 cm. Já há 200 anos a pintura faz parte do acervo do Museu do Louvre, localizado em Paris, na França.

O quadro foi considerado por Leonardo como o mais belo e expressa a pura beleza feminina, mas muitos historiadores de arte afirmam

22 Transcrição feita do endereço eletrônico www.youtube.com/watch?v=9R8kAANw86k&sns=em.
23 Madeira leve e branda, de pouca resistência à flexibilidade e rigidez, que também possui uma resistência razoável a impactos.

que Leonardo tinha a intenção de passar uma mensagem mais profunda com esta obra do que apenas um eficiente desempenho artístico. Uma observação curiosa foi publicada na Revista de Psicanálise & Barroco, em 2006, antes de obra do Museu do Prado ter sido encontrada e restaurada.

Se observarmos o horizonte pintado atrás do rosto de Mona Liza, o do lado direito se encontra em um nível diferente do esquerdo, este mais alto, uma discrepância gritante, fazendo-a parecer muito maior da esquerda do que da direita daí o fato de muitos considerarem o seu rosto um mistério. Historicamente, os conceitos de masculino e feminino estão ligados aos lados, o esquerdo é o feminino e o direito masculino. Como Da Vinci seria um grande fã dos princípios femininos, fez a Mona Lisa parecer maior quando vista da esquerda que da direita. Ele sempre considerava o equilíbrio entre o feminino e o masculino. Acreditava que a alma não podia ser iluminada a não ser que os elementos masculinos e femininos estivessem presentes nela. A análise da obra mostra a presença tanto de traços femininos quanto masculinos, numa fusão que remete à androginia, o que endossa dimensão enigmática do sorriso presente na obra. Isso se reflete no próprio título da obra, onde há a mescla do nome do Deus da fertilidade masculina, Amon e da Deusa egípcia da fertilidade, Isis, cujo pictograma antigo era L'ISA, assim, temos AMON L'ISA, anagrama da união divina do masculino com o feminino. [24]

[24] BROWN, 2004, PP. 116-123.

Um fato interessante é que quando Leonardo foi para a França, em 1506, ele levou consigo a *Mona Lisa*. O Rei Francisco I teria supostamente comprado o quadro para exibi-lo no seu castelo, em Fontainebleau[25], por onde o Maneirismo Italiano foi introduzido na França. Este castelo também foi o local onde Napoleão Bonaparte assinou, em 1814, o tratado em que abdicou do trono de França. Posteriormente a obra foi levada para o Palácio de Versailles, onde permaneceu até 1797, quando, por consequência da Revolução Francesa, foi finalmente levada para o Museu do Louvre, onde se encontra até hoje.

Outra curiosidade é que, num pequeno ínterim, o Imperador Napoleão Bonaparte tinha tanto apreço pela obra, que pediu que ela fosse colocada no seu quarto, em Tuileries, mas em 1804, o Louvre a reclamou de volta.

Oscar Wilde comentou em um dos ensaios de *O Crítico como Artista* (1891) que "a pintura se torna mais maravilhosa para nós do que ela realmente é, e nos revela um segredo do qual, na verdade, nada sabe".

O roubo da pintura

"... roubou a Gioconda para levá-la à Itália".[26]

O quadro mais aclamado do mundo foi roubado do Museu do Louvre, em Paris, no dia 22 de agosto de 1911. O ocorrido foi percebido pelo guarda de segurança, *monsieur* Poupardin, quando fazia sua ronda habitual pelas várias alas do Museu. O segurança pensou a princípio que a obra tivesse sido levada para o ateliê do museu a fim de ser fotografada pelo fotógrafo oficial do Louvre, porém, conforme o tempo se transcorria, a tela não reaparecia, o que passou a despertar suspeitas em Poupardin. Ciente de que algo devia estar errado, ele decidiu enviar outros seguranças até o atelier, a fim de checar sua teoria.

Foi quando ele descobriu que a *Mona Lisa* não estava lá.

O desespero se abateu sobre todos os envolvidos, que saíram desgovernadamente à procura da tela. Por volta das 14 horas, o chefe de polícia de Paris, Louis Lepine, oficial conhecido e popular, foi chamado às pressas para assumir o problema, sendo que poucos minutos depois, às 14:15, o Louvre, em estado de emergência, cerrou todas as suas portas – com exce-

25 Fontainebleau é uma cidade ao norte da França, onde encontra-se o Royal Château de Fontainebleau, um dos maiores châteaux reais franceses.

26 Documentário sobre o roubo do quadro "Mona Lisa," de Leonardo da Vinci, do Museu do Louvre, do diretor norte-americano Joe Medeiros.

ção de uma única, com o propósito de limitar a saída do público. Na ocasião, a fim de manter sigilo sobre o roubo e facilitar a operação, foi divulgado ao público que a ação fora motivada por um problema de canalização da água. Iniciou-se, então, uma verdadeira varredura em todo o local, até que finalmente uma pista foi localizada embaixo da escada da *Vitória de Samotrácia* [27] . Tratava-se da valiosa moldura de madeira renascentista do quadro, seu vidro de proteção (novidade na época, usado contra vandalismo) e uma impressão digital bem visível. O Louvre ficou fechado para o píblico por algumas semanas, enquanto todos os funcionários do Museu eram interrogados e tinham suas impressões digitais analisadas. Ninguém foi acusado, o que indicava que as investigações caminhavam a passos de tartaruga. Enfim, no dia 26 de agosto de 1911, o jornal *Le Petit Parisien* relatou o roubo em duas páginas; o *Le Matin* chegou a oferecer 5.000 francos para os videntes, numerólogos, cartomantes ou adeptos de qualquer outra ciência oculta, que fossem capazes de localizar a famosa obra. A Sociedade dos Amigos do Louvre ofereceu nada mais que 25.000 francos para quem encontrasse *La Gioconda*. Jogando mais lenha na fogueira, um milionário anônimo ofereceu o dobro. A revista *L'Illustration* ofereceu 50.000 francos para aquele que levasse o quadro até a editora. O assunto tomou proporções mundiais e logo tornou-se uma verdadeira e espalhafatosa caça ao tesouro.

O museu foi reaberto ao público e multidões se apressaram para ver o espaço vazio deixado pelo quadro. Indignação e comoção eram os sentimentos predominantes e consta que algumas pessoas chegaram a deixar flores no local como símbolo de pesar. Outras compraram recordações e cartões postais da obra desaparecida. Em pouco tempo, a *Mona Lisa* tornou-se um símbolo e um vulto de importância que jamais tivera junto ao público em geral. Em 7 de setembro de 2011, a polícia prendeu o poeta francês Guillaume Apollinaire por suspeita do roubo. Ele havia declarado em uma ocasião que gostaria de "queimar o Louvre". Gery-Pieret, amigo e antigo secretário particular de Appolinaire, ladrão confesso de três estatuetas ibéricas e máscaras fenícias do museu, declarou ao *Paris-Journal* que fora ele o responsável pelo furto da Mona Lisa, mas que só a devolveria em troca de 150.000 francos. Para provar que dizia a verdade, enviou uma das três estatuetas que haviam sido roubadas para o jornal. O famoso artista Pablo Picasso também foi interrogado no mesmo período e acusado de cumplicidade pois tinha comprado por propósitos de estudos uma estatueta e uma máscara fenícia de

27 Escultura de uma mulher alada, a deusa Nice, mensageira da Vitória, que repousa sobre uma base representando a proa de um navio. De autoria desconhecida, ela encontra-se de frente, no alto da escada Daru, no primeiro andar da ala Denon, no departamento de esculturas gregas do Museu do Louvre.

Gery-Pieret. Apollinaire foi solto uma semana depois, tendo sido considerado inocente do roubo, que também foi reivindicado pelo poeta, escritor e dramaturgo italiano Gabriele D'Annunzio, autor de uma peça de teatro intitulada *La Giocconda*. Posteriormente, todos acabaram sendo inocentados. Dois anos depois, quando a maior parte das pessoas já estava desiludida, acreditando ter perdido para sempre a valiosa pintura, a obra ressurgiu de surpresa em Florença, na Itália. Foi quando veio à tona a identidade do verdadeiro ladrão, Vincenzo Peruggia, um italiano que, na época, trabalhava no Louvre como colocador de vidros em obras de pintura.

Peruggia havia passado a noite do dia 21 de agosto escondido no Louvre esperando o amanhecer para roubar a *Mona Lisa* e sair discretamente. Na época das investigações, ele chegou a ser interrogado pela polícia, mas forneceu um álibi falso que testemunhava que no dia do roubo, ele estava trabalhando em outro local. Peruggia foi dispensado sem maiores suspeitas. Durante os anos que se seguiram, ele continuou vivendo em Paris, gozando da beleza da *Mona Lisa* somente para si. Quando a população já aparentava certo conformismo com o desaparecimento da obra, Peruggia resolveu retornar à Itália, na esperança de conseguir vender a pintura para algum colecionador local.

Em 10 de setembro de 1913, o ladrão fez uma proposta de venda para um célebre antiquário florentino, Alfredo Geri. Ele queria a quantia de 500.000 liras em troca da *Mona Lisa*. Geri, se fazendo de interessado, levou um colega seu especialista para analisar a obra e autenticá-la. Assim que ficou atestado que se tratava da verdadeira pintura, os dois denunciaram Peruggia à polícia.

Durante o julgamento, Peruggia confessou que roubou a tela por patriotismo. Ignorando o fato de que o quadro tinha sido adquirido pelo rei Francisco I, em 1519, ele denotava plena convicção de que a *Mona Lisa* havia sido roubada por Napoleão Bonaparte e que era seu dever como cidadão italiano recuperá-la. Evidentemente, tratava-se de uma forma de tentar amenizar o peso de suas ações. Peruggia foi condenado a cumprir uma pena de 18 meses de prisão, mas, numa brutal inversão de valores, uma parte da imprensa e da população considerou Peruggia um verdadeiro herói nacional, o que motivou sua soltura precoce. Ainda assim, para a maioria, ele não passava de um aproveitador que tentou fazer riqueza por meio de um bem nacional. A *Mona Lisa* voltou a ser exposta no Louvre no dia 4 de janeiro de 1914, altamente protegida. Desde então, foi visitada por milhões de pessoas em todo o mundo e continua sendo a maior atração deste que é um dos maiores e mais impressionantes museus de todo o mundo.

Obras de Da Vinci

No Mercado Editorial Nacional

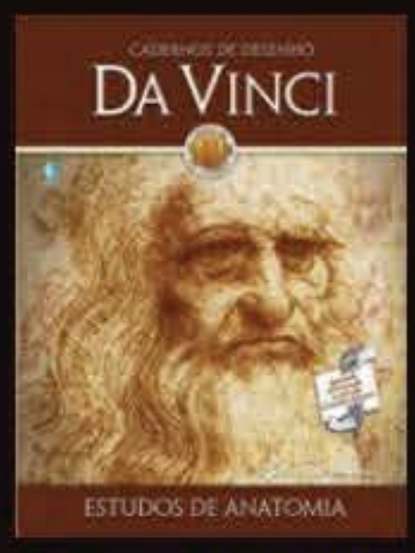
Entre os maiores pintores clássicos da Renascença, Da Vinci foi o que deixou mais desenhos, mais anotações e materiais para estudo.

Além do material "diverso" que legou, um tesouro feito de anotações, rascunhos, esboços completos e até desenhos muito bem elaborados, **Leonardo da Vinci** produziu seu **Tratado de Pintura**, no limiar do século XVI, no auge da Alta Renascença. Trata-se de um tesouro de valor incomensurável, pois sobre tudo o que Da Vinci realizou nas suas inúmeras funções no âmbito artístico, ele formulou conceitos e parte deles foi transcrito nesse seu **Tratado de Pintura**, obra que deixou para os seguidores e estudiosos. Trata-se de um volume acadêmico imenso, que inspira os novos artistas de hoje da mesma forma como orientou os discípulos que teve em vida.

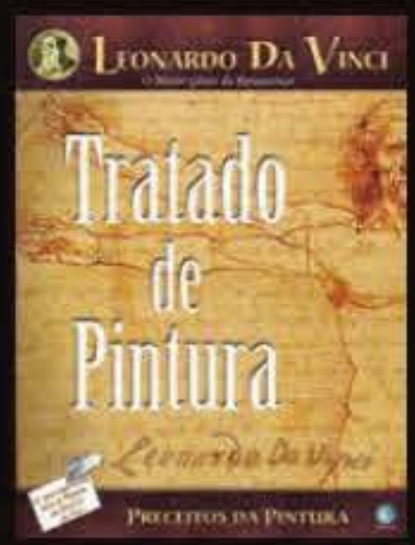
O **Tratado de Pintura** foi editado recentemente, em seu todo, com pesquisa, tradução e adaptação de Fabio Moraes, que organizou essa obra referencial para a edição nacional, vindo a ser publicada em três volumes: **Tratado de Pintura – Preceitos de Pintura; Tratado de Pintura – A Representação da Natureza; Tratado de Pintura – A Percepção das Cores.**

Outrossim, outra obra do mestre, disponível, é **Cadernos de Desenho Da Vinci – Estudos de Anatomia**, uma reunião dos mais lindos desenhos do mago da Renascença, com textos e organização de **Alexandre Jubran**.

Tratado de Pintura e Cadernos de Desenho Da Vinci — editados pela Criativo — são livros de arte e, ao mesmo tempo, são obras que privilegiam sobremaneira a arte-educação.

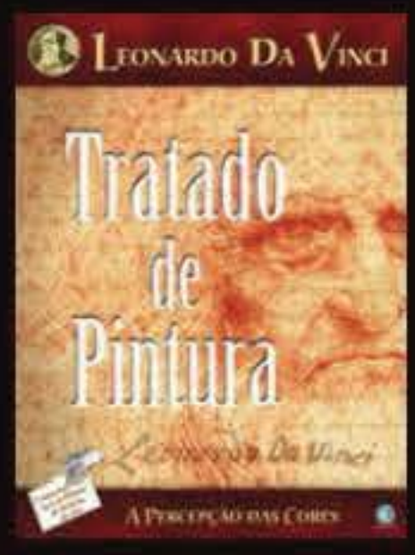


Caderno de Desenho



Volume I

Volume II



Volume III

Onde encontrar

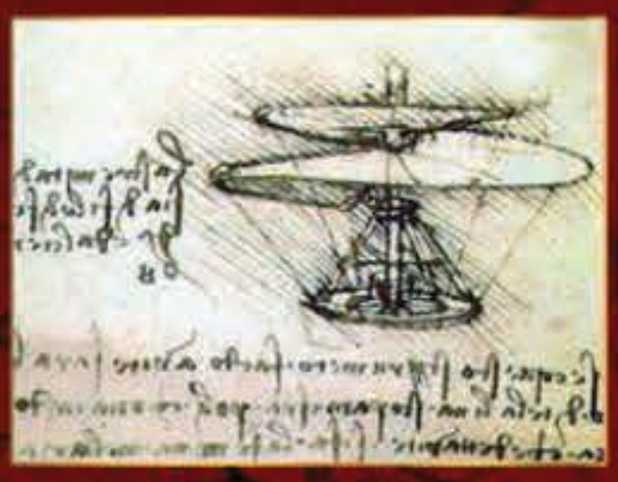
Comix Book Shop
Al. Jaú, 1998 – Cerqueira César,
São Paulo /SP
www.comix.br

Art Camargo
www.artcamargo.com.br

Influenciou os grandes arquitetos do Renascimento italiano

DESVENDANDO DA VINCI

O GÊNIO QUE INFLUENCIOU A HUMANIDADE



Projetou máquinas voadoras, instrumentos óticos, equipamentos de guerra e de mergulho

Criou o icônico Homem Vitruviano, símbolo universal da humanidade

Pintou a Mona Lisa e A Última Ceia, dois dos quadros mais célebres de todos os tempos

O Alto Renascimento, época das mais pródigas na revelação de homens geniais, teve em **Leonardo da Vinci** (1452-1519) o seu maior destaque — como cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, escultor, arquiteto, botânico, poeta e músico. Frequentemente descrito como *o arquétipo do homem do Renascimento*, **Leonardo da Vinci** é considerado um dos grandes mestres da pintura de todos os tempos e, possivelmente, a pessoa dotada de talentos mais diversos que já viveu.

Aprender é a única coisa
de que a mente nunca se cansa,
nunca tem medo e nunca se arrepende.

Leonardo Da Vinci